



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ÁTYLA KALIL LIMA GOMES

**UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS FRANCESES
SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA ENTRE 2022 E 2025**

SÃO CRISTÓVÃO

2026

ÁTYLA KALIL LIMA GOMES

**UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS FRANCESES
SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA ENTRE 2022 E 2025**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado
ao Departamento de Relações Internacionais da
Universidade Federal de Sergipe como requisito
para obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Barros de
Albuquerque

SÃO CRISTÓVÃO

2026

ÁTYLA KALIL LIMA GOMES

**UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS FRANCESES
SOBRE A GUERRA NA UCRÂNIA ENTRE 2022 E 2025**

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado
ao Departamento de Relações Internacionais da
Universidade Federal de Sergipe como requisito
para obtenção do título de Bacharel em Relações
Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Barros de
Albuquerque

Data de aprovação: 14/07/2026

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque

Orientador - Universidade Federal de Sergipe

Professor Dr. Cairo Gabriel Borges Junqueira

Examinador Interno - Universidade Federal de Sergipe

Professor Me. Christian de Almeida Brandão

Examinador Externo - Universidade Federal de Pernambuco

Ad astra per aspera, para as estrelas através das dificuldades.

“Eu me recordo quando uma tripulação da Frota Estelar nos visitou. Eles eram tão diferentes uns dos outros. Tantos tripulantes originários de tantos planetas diferentes, era lindo de se ver. Eu pensei, se todas essas pessoas vindas de todos esses planetas distintos podem trabalhar juntas, lado a lado, talvez eu possa também, talvez eu possa fazer parte de algo maior do que eu mesma.”

Goldsman e Lumet, 2023, temp. 2, ep. 2.

AGRADECIMENTOS

Tenho plena consciência de que a minha formação como ser humano e como Bacharel em Relações Internacionais, para além de ser um reflexo do meu esforço individual, é também o resultado da contribuição de diversas pessoas que passaram pela minha vida. Antes de tudo, gostaria de agradecer à minha mãe, Eliane Barbosa Lima, que com muito esforço e dedicação, me gestou, criou e me sustentou ao longo de minha vida. Sem o seu apoio, dedicação e carinho, não seria possível que eu estivesse onde eu estou hoje.

Além disso, gostaria de agradecer à minha avó, Maria Auxiliadora Santos Gomes. Você foi responsável por financiar minha educação básica e média, garantindo que eu recebesse uma educação de qualidade que pudesse me ajudar a trilhar os meus caminhos e a me levar ao local em que me encontro hoje como Bacharel em Relações Internacionais. Mesmo durante a graduação, você foi responsável por me ajudar financeiramente tornando a minha experiência muito mais suave. Seu exemplo enquanto Licenciada em História pela UFAL também serviu de grande inspiração para eu chegar onde cheguei.

É fundamental citar também a contribuição do meu pai, Manuel Alves Gomes Neto, em minha trajetória. Quando eu era mais novo, meu pai morava na Suíça. Tenho certeza que a necessidade de olhar para um mapa para saber onde você estava ajudou a tornar mais palpável a existência do internacional desde muito cedo, influenciou o meu fascínio por mapas e pelo que se encontra além das nossas fronteiras. Dessa forma, acredito que a minha escolha pelo curso de Relações Internacionais tenha uma parcela de contribuição sua.

Gostaria de agradecer ao meu amigo Robson Souza de Andrade Filho, cuja amizade também me auxiliou em parte do meu amadurecimento intelectual. Além disso, foi por meio de nossas conversas que descobri a existência do curso de Relações Internacionais e fui incentivado a procurar mais informações sobre o curso porque, segundo você, tinha muitas características que combinavam comigo. Tenho certeza que a nossa amizade e as nossas conversas tiveram uma contribuição significativa na minha escolha pelo curso de Relações Internacionais.

Agradeço à minha amiga Karla Myllena Gravatá dos Santos porque passou comigo pela caminhada de finalização do ensino fundamental, ensino médio e ENEM até os portões da universidade. Jamais poderia imaginar que o nosso contato no final do ensino fundamental fosse gerar uma amizade tão linda. Sua presença em minha jornada foi muito importante para tornar a experiência na universidade mais familiar e aconchegante.

À minha amiga Ana Gabriela Barbosa Caldeira, agradeço pelo companheirismo durante a graduação. Me recordo com muito carinho como você me convidou para dormir em sua casa após uma noite de muita cerveja no finado bar China. Sua hospitalidade mineira foi incompreensível para minha mente sergipana, especialmente considerando que nos conhecíamos há pouco menos de uma semana. Desde de então, você foi a minha companheira absoluta dentro e fora dos corredores da universidade. Em você, mesmo com tantas diferenças, vejo a minha versão feminina. Compartilhar sofrimentos e sonhos com você tornou mais prazerosa a minha passagem pela graduação. Sua presença compôs e compõe uma parte muito importante das minhas memórias na UFS e tem importância imensurável para mim.

Às minhas amigas Thaíssa Cristina Gomes Feitosa e Júlia Carolina Ribeiro de Jesus, agradeço imensamente pelas tardes no Moura 1 e 2 e na BICEN. Poderia ter passado um número muito menor de horas na UFS e ir para o terminal pegar o ônibus, mas a companhia de vocês tornava a ideia de voltar para o conforto de casa menos urgente. As conversas e risadas com vocês e com Gabi tornaram toda a experiência muito mais leve e memorável. Que continuemos juntos para além das fronteiras da universidade alçando voos cada vez mais altos. Além disso, agradeço o apoio de vocês na realização do meu TCC, especialmente de Júlia. Além do meu orientador, você foi a pessoa que mais me ajudou na realização deste trabalho.

Ao meu amorzinho, Luiz Henrique da Silva Souza, agradeço pelo companheirismo e pela sensação de conforto que você me passa em meio ao caos que é o início da vida adulta. Poder compartilhar os sonhos com você, seja terminar o TCC ou o que vem após a faculdade, é o que traz ainda mais sentido e cor para a vida. A memória de caminhar pelos corredores da UFS e encontrá-lo de jardineira sentado no banco da Didática II é um dos pontos altos da minha passagem pela universidade. Você definitivamente é o maior presente que a UFS me deu e desejo que possamos construir muito mais do que jamais concebemos na universidade.

À minha prima Karla Kiriale Lima Gomes, agradeço imensamente pelo suporte e pela defesa prestada antes e ao longo da minha graduação. O seu apoio e sacrifício mental, mesmo não sendo diretamente afetada pelo meu sucesso, é um exemplo que mostra o que é torcer e fazer por onde para que todos cresçam em conjunto. Seu apoio foi fundamental na conquista deste sonho.

À minha irmã Kalili Lima Gomes, agradeço por ter me incentivado a começar a assistir séries e filmes em inglês acompanhado por legendas. Sem o seu conselho, cursar

Relações Internacionais sem o conhecimento do inglês ou com a língua em nível básico, num curso cuja bibliografia é majoritariamente em língua inglesa, seria uma verdadeira tortura.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Barros de Albuquerque, agradeço pelas experiências, paciência e pela compreensão. Com o senhor, pude experienciar a pesquisa acadêmica com a realização do PIBIC. Também agradeço pelas experiências e exposição acadêmica no CEURO. Em virtude da minha trajetória na UFS com o senhor, nada mais natural do que terminar a graduação com a sua orientação.

Agradeço a mim mesmo por ter feito as escolhas que me levaram até aqui. Nem todas foram ideais, mas me trouxeram para este grande momento. Diversas vezes, achava impossível terminar este trabalho e Deus sabe o quanto eu demorei. Que a conclusão desta etapa sirva de marco para demonstrar que aqueles pensamentos são apenas um delírio que pode ser superado pela disciplina e dedicação. Que daqui pra frente, você seja capaz de conquistar os seus maiores sonhos.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui, inclusive aqueles que não nomeei e aqueles que talvez eu nem conheça, deixo minha sincera gratidão. Cada ensinamento, experiência e oportunidade vividos na UFS fizeram parte da construção dessa trajetória. Serei eternamente grato pelo privilégio de fazer parte dessa comunidade que, diariamente, torna a educação um instrumento de transformação.

RESUMO

Esta pesquisa analisa as mudanças na política externa da França em relação à Rússia durante a guerra na Ucrânia, com foco nos discursos do presidente Emmanuel Macron entre 2022 e 2025. O objetivo consiste em compreender de que maneira a invasão russa em larga escala da Ucrânia alterou a construção discursiva da Rússia e influenciou o posicionamento francês diante do conflito. Para tanto, emprega-se uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de conteúdo dos pronunciamentos oficiais de Macron, utilizando como referência o modelo de Laurence Bardin. Os resultados indicam uma ruptura em relação ao período anterior à guerra, evidenciada pela construção da Rússia como uma potência agressora, revisionista e imperialista, responsável por violar o direito internacional, ameaçar a soberania dos Estados e comprometer a estabilidade da ordem internacional. Paralelamente, observa-se a legitimação do apoio político, financeiro e militar à Ucrânia como condição necessária para a preservação da segurança europeia e da ordem internacional baseada em regras. A pesquisa também demonstra que os discursos analisados reforçam o protagonismo da França na promoção da autonomia estratégica europeia e no fortalecimento da defesa da União Europeia, consolidando uma postura mais assertiva diante da ameaça representada pela Rússia. Conclui-se que a guerra provocou uma reorientação significativa da política externa francesa, marcada pelo abandono da estratégia de aproximação com Moscou em favor de uma atuação voltada à contenção da Rússia e ao fortalecimento da liderança francesa no contexto europeu.

Palavras-chave: agressão; legitimação; ameaça; imperialismo.

ABSTRACT

This study examines the changes in France's foreign policy toward Russia during the war in Ukraine, focusing on the speeches delivered by President Emmanuel Macron between 2022 and 2025. It aims to understand how Russia's full-scale invasion of Ukraine reshaped the discursive construction of Russia and influenced France's position regarding the conflict. To this end, the study adopts a qualitative approach based on content analysis of Macron's official speeches, using Laurence Bardin's methodological framework. The findings indicate a clear departure from the pre-war period, reflected in the portrayal of Russia as an aggressive, revisionist, and imperialist power responsible for violating international law, threatening state sovereignty, and undermining the stability of the international order. At the same time, political, financial, and military support for Ukraine is legitimized as a necessary condition for preserving European security and the rules-based international order. The analysis also demonstrates that the speeches reinforce France's leadership in promoting European strategic autonomy and strengthening the European Union's defense capabilities, consolidating a more assertive stance in response to the threat posed by Russia. The study concludes that the war prompted a significant reorientation of French foreign policy, marked by the abandonment of the strategy of engagement with Moscow in favor of an approach centered on containing Russia and strengthening France's leadership within the European context.

Keywords: aggression; legitimation; threat; imperialism.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 POLÍTICA EXTERNA FRANCESA.....	17
2.1 Tradição da política externa francesa.....	17
2.2 Continuidades e mudanças: política externa de Emmanuel Macron.....	20
3 POLÍTICA EXTERNA FRANCESA PARA A RÚSSIA DURANTE A GUERRA NA	
UCRÂNIA.....	24
3.1 Posicionamento francês no início da guerra.....	24
3.2 Mudanças na política externa francesa para a Rússia após o início da guerra na	
Ucrânia.....	26
4 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	32
4.1 Legitimação moral do apoio à Ucrânia.....	32
4.2 Construção da Rússia como ameaça estratégica.....	41
4.2.1 Dimensão da segurança europeia.....	41
4.2.2 Dimensão da ordem internacional.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
APÊNDICE A—Discursos presidenciais analisados.....	62

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as mudanças da política externa da França para a Rússia durante a guerra na Ucrânia por meio dos discursos presidenciais franceses, de modo a responder à seguinte pergunta: De que maneira a política externa da França para a Rússia mudou em função do início da guerra na Ucrânia? Nesta pesquisa, entende-se “guerra na Ucrânia” como o conflito armado decorrente da invasão russa ao território ucraniano em 24 de fevereiro de 2022 por representar o evento que desencadeou as mudanças analisadas na política externa francesa. Como política externa, a presente análise entende como “o conjunto de políticas adotadas por um Estado em relação ao mundo exterior” (Ramanzini Júnior; Farias, 2025). Além disso, cabe salientar que, além da política externa para a Rússia, também será analisado o conjunto de políticas voltadas para a Ucrânia e para a Europa que têm como intuito e/ou como resultado defender-se da ameaça militar que a Rússia representa, uma vez que estas políticas também são importantes para a compreensão das alterações levadas a cabo em função da invasão russa à Ucrânia.

Segundo Rees (2024), a França constitui-se como um ator geopolítico fundamental na Europa. Isso pode ser explicado tanto pelo fato de o país ser um dos únicos no continente com capacidade de atuar como líder nas áreas de segurança e defesa, quanto pela posse de um arsenal nuclear. Nesse sentido, o entendimento do posicionamento do executivo francês durante a guerra é importante para a análise do conflito e dos seus impactos nas relações internacionais do continente europeu e mesmo do hemisfério ocidental.

Apesar da importância francesa nas relações internacionais, o país vem passando por uma queda de influência desde o final da Segunda Guerra Mundial, fato que marca profundamente sua política externa (Morgenthau, 2003). Dessa forma, segundo Charles de Gaulle, a perda do status francês saindo da posição de uma grande potência para a posição de uma potência média torna imprescindível o exercício de uma política externa bem pensada e ambiciosa para que a França consiga preservar sua influência na esfera internacional (Saint-Robert, 1995; Bozo, 2016).

Assim, a guerra na Ucrânia representa um desafio ímpar para a França porque transformou o consenso que existia na Europa em relação a qual é a melhor abordagem para lidar com a Rússia e expôs os erros de política externa cometidos pelos países, especialmente da Europa Ocidental, nos anos anteriores. Dessa maneira, os países procuram reposicionar-se adequadamente para evitar cometer os mesmos erros feitos anteriormente (Kapp; Fix, 2023).

Assim, a capacidade de modular a nova abordagem é essencial para conseguir estabelecer-se em uma posição de vantagem durante e após o fim da guerra na Ucrânia.

Um exemplo notável é que os países da Europa Central e do Leste Europeu passaram anos alertando que a política externa da União Europeia (UE) para a Rússia liderada principalmente pelos países da Europa Ocidental, especialmente a França, era equivocada e que o Kremlin¹ era um risco que não podia ser subestimado. Com a invasão da Ucrânia provando que os países da Europa Central e do Leste Europeu estavam certos, eles aumentaram sua influência e agora possuem maior peso em decisões que dizem respeito à guerra, diminuindo o poder relativo de países da Europa Ocidental como a França (Erlanger, 2023). Nesse contexto, a importância do exercício de uma política externa bem-sucedida em um momento tão decisivo quanto o da Guerra da Ucrânia torna-se ainda mais importante para a manutenção do poder relativo da França na União Europeia e deixa mais clara a relevância da presente pesquisa.

No início da guerra na Ucrânia, o presidente francês Emmanuel Macron posicionou-se de maneira clara contra a invasão russa e explicitou o seu apoio à defesa ucraniana e os seus esforços para que a guerra chegasse a um fim (Macron, 2022c). Apesar do forte posicionamento favorável à Ucrânia, a França manteve amplos canais diplomáticos abertos com a Rússia com base no entendimento que a diplomacia seria o caminho mais adequado para garantir o fim da guerra e para permitir diálogos para a construção de uma estrutura pacífica no cenário pós-guerra.

Entretanto, ao longo de 2022, ao constatar que a abordagem diplomática não estava surtindo efeito para o avanço das negociações de paz, Macron começou a subir o tom das declarações sobre a guerra, reduzindo a cautela inicial fundamentada na preocupação com a reação de Moscou, intensificou o envio de cada vez mais equipamentos militares para a defesa da Ucrânia (Rose, 2023) e passou a defender o alargamento da União Europeia e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) como instrumentos geopolíticos (Cadier; Quencez, 2023). Essa mudança pode ser inicialmente observada pelo contraste entre o discurso oficial cauteloso e conciliatório anterior à invasão mantido ainda nos primeiros dias do conflito e o posterior discurso mais enérgico e condenatório do governo francês em apoio à Ucrânia, contendo mudanças contrastantes com a política exercida até então.

Além disso, apesar da importância da liderança francesa no apoio à Ucrânia no início da guerra, a proximidade de Paris com Moscou desgastou a imagem do país frente aos seus aliados no bloco europeu, especialmente com países da Europa Central e do Leste Europeu,

¹ O governo da Rússia ou os seus prédios em Moscou (Longman, s.d; tradução nossa).

sendo um dos fatores que motivaram a mudança de comportamento para garantir uma posição favorável para a França nas negociações e não prejudicar o seu papel de liderança no bloco (Martill; Sus, 2024). A virada de tom da política externa francesa de um posicionamento cauteloso para um posicionamento mais vocal contra a Rússia e a favor da Ucrânia constitui-se como um dos principais fatores que motivaram a presente pesquisa, uma vez que essa movimentação foi observada como um contraste considerável em relação aos posicionamentos antes e no início da guerra.

Nesse sentido, a análise da política externa da França durante a guerra na Ucrânia abrangerá o intervalo que vai de 24 de fevereiro de 2022 até o final de 2025, de modo a entender como a França se posicionou diplomaticamente em resposta à guerra. A delimitação temporal adotada se deve ao fato que, como já mencionado, a invasão russa em larga escala ao território ucraniano teve início em 24 de fevereiro de 2022. Dezembro de 2025 foi definido como marco final da pesquisa porque compreende o momento no qual o presente trabalho está sendo redigido. Tendo em vista que a pergunta de pesquisa do presente trabalho possui natureza exploratória, não há hipóteses causais. Dessa maneira, a presente pesquisa buscará identificar quais mudanças ocorreram na política externa francesa para a Rússia.

Nesse sentido, no primeiro capítulo será analisada a tradição da política externa francesa, cuja tradição no século XX foi amplamente definida pelo presidente Charles de Gaulle, de modo que se possa entender sobre quais bases a política externa francesa é fundamentada. Além disso, serão delimitados os elementos centrais que definem a política externa do presidente francês Emmanuel Macron de modo a compreender qual a sua relação com a tradição francesa de Charles de Gaulle. Assim, será observado que de Gaulle estabelece seu pensamento de política externa num contexto pós segunda-guerra marcado pelo declínio do poder relativo francês no sistema internacional. Nessa perspectiva, de Gaulle estabelece que a França pode agir como mais do que uma potência média e atuar como uma potência de equilíbrio, noção nomeada como a grandeza francesa. Para tal, o país precisa atuar com independência nacional, mas deve integrar-se às estruturas europeias para poder ter capacidade de projeção de poder. Além disso, será visto como o presidente Emmanuel Macron dá continuidade às ideias do ex-presidente de Gaulle, mas atribui ainda mais importância à integração europeia, reduzindo a ideia de que integração demasiada compromete a independência nacional. Além disso, reduz a oposição entre a OTAN e a construção da autonomia da defesa europeia.

No segundo capítulo, será traçado os posicionamentos franceses relevantes sobre a Rússia e assuntos correlatos antes da guerra. Além disso, será apontado os pontos que

indicam a mudança da política externa francesa para a Rússia após o início da guerra na Ucrânia. Assim, será identificado que apesar do papel da liderança francesa internacional para condenar a Rússia e estabelecer meios de apoio à Ucrânia, a manutenção de uma abordagem pautada no forte diálogo com Moscou foi vista como improdutiva porque causou desconfiança frente aos parceiros europeus e não foi capaz de dissuadir a Rússia de começar e continuar a invasão. Em função disso, será exposto que Paris abandonou a abordagem baseada no diálogo e adotou uma postura combativa à Rússia para permanecer relevante na liderança europeia.

Já no terceiro capítulo, será trabalhada a construção discursiva do presidente Emmanuel Macron sobre a legitimação moral do apoio à Ucrânia e sobre a construção da Rússia enquanto uma ameaça estratégica para a Europa e para o mundo. Nesse contexto, o discurso presidencial francês constrói a Rússia como um agressor e como uma potência imperialista e neocolonial que procura minar a integração europeia e desestabilizar não só a região, como o mundo. Assim, ela é vista como um país que viola o direito internacional e busca construir uma ordem internacional que favoreça seus interesses imperialistas, demandas cujas implicações podem se alastrar para todo o mundo. Nesse sentido, é afirmado que todos os países do mundo devem apoiar a Ucrânia.

A presente pesquisa consistirá em um estudo de caso de caráter qualitativo com objetivo descritivo-exploratório procurando mapear os posicionamentos oficiais da República francesa. O estudo de caso constitui-se como um mecanismo de pesquisa para encontrar em dados obtidos por meio de entrevistas, mensagens e documentos em geral, informações que ilustrem, expliquem ou ajudem a revelar os fenômenos investigados (Capelle; Melo; Gonçalves, 2003). A pesquisa tem objetivo exploratório porque busca gerar mais familiaridade com o problema, explicitando-o e possibilitando maior compreensão de sua natureza (Gil, 2022). Dessa maneira, a presente pesquisa pretende entender a política externa francesa para a Rússia, os seus movimentos de ruptura e continuidade ao longo da guerra na Ucrânia. Ademais, possui também o objetivo descritivo uma vez que procura descrever as características da política externa francesa em diferentes períodos estabelecendo relações entre as variáveis (Gil, 2002).

Marconi e Lakatos (2003) afirmam que o levantamento de dados em uma pesquisa científica é feita por meio de fontes primárias e secundárias e que a junção de ambas as fontes auxilia na compreensão do tema estudado. O uso de fontes secundárias ajuda na contextualização do campo de estudo, evita duplicações, sugere problemas e hipóteses e ajuda na sugestão de outras fontes de coleta (Marconi; Lakatos, 2003). Nesse sentido, fontes

bibliográficas como artigos científicos e livros serão utilizados para introduzir, analisar, complementar e contextualizar os posicionamentos oficiais da França.

Ademais, partindo para as fontes primárias, considerando que a fala discursiva é socialmente construída, pronunciamentos oficiais podem ser utilizados como fonte de análise para alcançar resultados empíricos na área da política externa (Silva; Hernández, 2020). Outrossim, o uso de discursos presidenciais é uma ferramenta eficaz para demonstrar os parâmetros de política externa do governo que está no poder (Silva, 2017). Assim, a principal fonte primária utilizada consistirá nos discursos oficiais do presidente francês que serão analisados de modo a elucidar os posicionamentos de política externa da França para a guerra na Ucrânia. Para mapear o posicionamento oficial da França, serão considerados os discursos disponíveis em órgãos como o Palácio do Eliseu e o Ministério da Europa e dos Negócios Estrangeiros. A lista completa dos discursos que compõem o corpus da pesquisa está apresentada no Apêndice A.

Nesse sentido, a técnica qualitativa utilizada será a análise de conteúdo que envolve seres humanos em suas relações sociais para construir o sentido lógico e narrativo que eles apresentam no contexto em que ocorreram (Proetti, 2017). A análise de conteúdo parte do próprio texto para interpretá-lo, considerando-o como uma ilustração de uma situação limitada ao seu próprio contexto (Silva; Ribeiro; Carvalho, 2015). Por meio da análise de conteúdo, é possível analisar informações em variados materiais que sirvam de prova para as questões apresentadas com a finalidade de realizar deduções lógicas a respeito da origem dessas mensagens (Bardin, 1979; *apud* Capelle; Melo; Gonçalves, 2003). Assim, a política externa da França no período delimitado, entendida como um fenômeno político e, portanto, social, será analisada de modo que os sentidos possam ser atribuídos levando em consideração o contexto e as perspectivas dos atores envolvidos para explicar o objeto de estudo de maneira lógica.

Assim, a bibliografia foi analisada especialmente para contextualizar o tema e ajudar na sugestão de outras fontes de coleta. Outrossim, 26 discursos oficiais do presidente francês em eventos nacionais e internacionais importantes que tratassem direta ou indiretamente da guerra na Ucrânia foram analisados e codificados. Nesses discursos, foram identificados como a Rússia, a Ucrânia e o conflito são descritos, quais ações foram e devem ser tomadas em função dele e o contexto no qual esse cenário e as medidas adotadas pela França estão inseridas. Dessa maneira, foi possível coletar evidências empíricas para analisar o reposicionamento do discurso presidencial francês.

A presente pesquisa justifica-se pois a guerra na Ucrânia causou um tensionamento na posição da França na União Européia e na estrutura de liderança do bloco, sendo uma questão central que pode ter grandes implicações no futuro do processo de integração europeu e para a defesa europeia (Cadier, 2023). Isso fica evidente na medida que o apoio francês ao alargamento da OTAN e da União Europeia sofreu mudanças em função do desenvolvimento da guerra e novas propostas de estruturas de defesa europeias surgiram.

Outrossim, a capacidade da França em ler o cenário e conseguir ser bem-sucedida nos desdobramentos da guerra na Europa podem definir o seu papel na região no futuro, especialmente com os indicativos de deslocamento do eixo de poder da Europa Ocidental para o Leste Europeu (Erlanger, 2023) e com a percepção constante do declínio do poder francês. Nesse sentido, este trabalho propõe-se a auxiliar na compreensão da bibliografia sobre esta relação da atuação da França em relação à Rússia no contexto da guerra na Ucrânia.

2 POLÍTICA EXTERNA FRANCESA

2.1 Tradição da política externa francesa

Um dos principais responsáveis pela construção da tradição da diplomacia francesa é o ex-presidente e General Charles de Gaulle, que foi crucial na política do país durante e após a Segunda Guerra Mundial (Bozo, 2016). Dentre os elementos elaborados por de Gaulle, destaca-se a formulação da política externa de *grandeur*, entendida como a defesa da França enquanto uma grande potência dotada de autonomia estratégica e com capacidade de exercer influência no sistema internacional (Rieker, 2017). A partir dessa concepção, de Gaulle reconsiderou o sistema bipolar e buscou construir uma alternativa à ordem de Yalta estabelecida pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial (Bozo, 2016).

Assim, as bases do gaullismo na política externa francesa persistem e podem ser caracterizadas pela busca por uma diplomacia ambiciosa e a busca por um papel global de relevância para a França, compreendendo a importância do projeto europeu e a reivindicação da liderança francesa no seio da União Europeia, o desejo pela construção de uma ordem internacional multipolar e balanceada, além da construção de um processo de globalização regulado (Bozo, 2016). Em consonância a isso, a política externa francesa articula-se na defesa do “status” do país, que corresponde ao posicionamento da França entre os grandes atores internacionais, além da busca constante por uma diplomacia que seja ativa e independente (Bozo, 2016). Ainda segundo o autor, estes últimos dois aspectos da diplomacia francesa representam um consenso em toda a sociedade francesa. Tal construção pode ser entendida como inserida num contexto em que a França precisou redefinir o seu papel no sistema internacional, especialmente pela nova ordem criada no pós-Segunda Guerra marcada pelo processo de descolonização das colônias francesas na África (Bozo, 2016).

Apesar de variações de estilo, a tradição de política externa iniciada por de Gaulle, que liderou a França como chefe do Governo Provisório (1944–1946) e, posteriormente, como presidente da República (1959–1969), perpetuou-se em todos os mandatos seguintes dos presidentes (Bozo, 2016). Isso pode ser explicado pela permanência de muitos dos fatores que fundamentaram a política externa do presidente de Gaulle e que ainda caracterizam a posição da França no sistema internacional. Essa percepção é reafirmada por Staunton (2022) que identifica que um dos principais elementos para explicar a política externa de Emmanuel Macron consiste em sua herança gaullista, especialmente pela defesa da manutenção da *grandeur* francesa. Além disso, enquanto também defende a herança gaullista na política

externa de Macron, Zaretsky (2019) afirma que o presidente atual do Eliseu² possui um senso de destino pessoal para a nação francesa similar ao do presidente de Gaulle. Seguindo a tradição gaullista, pode ser observado na literatura o posicionamento constante francês na defesa de estruturas europeias como alternativa para estruturas de defesa atlanticistas³ como a OTAN. A criação de mecanismos propriamente europeus é apoiada como uma forma de construir uma indústria de defesa integrada de maneira a reduzir a dependência econômica e de defesa da Europa, especialmente em relação aos Estados Unidos (Welch, 2023).

Em função disso, a atuação francesa na OTAN é marcada por ações de inspiração gaullista (Martill, 2023; Hofmann, 2017; Pannier, 2017). Apesar de o país ser um dos membros-fundadores da organização, decidiu retirar-se da estrutura militar integrada da aliança em 1966, retornando apenas em 2009 (Rees, 2024). Assim, a relação da política externa francesa dos presidentes para a OTAN é marcada por idas e vindas, com a já citada saída do presidente de Gaulle do comando militar integrado e o posterior retorno mais de 50 anos depois com Nicolas Sarkozy, a retirada de tropas do Afeganistão comandada por François Hollande e o discurso do presidente Emmanuel Macron em 2019 afirmando que a OTAN estava em morte cerebral (Pruchnicka, 2022).

Mais uma vez, a postura de Paris dentro da organização atlanticista se explica pela prioridade francesa na construção de condições para manter uma autonomia estratégica inspirada na ideia ‘*grandeur*’ francesa que prioriza a independência do país. A ideia de que a França é mais do que uma potência média representa um elemento importante na sua identidade e política externa ao longo do tempo (Chirac, 1995 *apud* Staunton, 2022) e pode não só ser observado no comportamento da Quai D’Orsay na OTAN, como também será observado em outros movimentos de política externa do país analisados no presente trabalho.

Assim, a necessidade de construção de autonomia europeia em matéria de defesa baseia-se no conceito de “autonomia estratégica” (Faure, 2020) e demonstra o desejo francês de decidir e atuar de maneira autônoma frente a ameaças de segurança sem a necessidade de ajuda não-europeia (Rouillard, 2024), especialmente dos EUA por meio da OTAN. Dessa forma, a busca pela autonomia estratégica é elevada pelos franceses da esfera nacional para a europeia e busca criar um órgão complementar à OTAN do ponto de vista de defesa e indústria militar para que a Europa possa agir de forma autônoma (Bora; Schramm, 2024).

² Residência oficial do presidente da França em Paris. O termo é muitas vezes utilizado para se referir ao presidente e a sua equipe (Longman, s.d; tradução nossa).

³ Refere-se a estruturas de cooperação que envolvem a Europa, Estados Unidos e Canadá ou, mais especificamente, é um termo usado para designar a arquitetura de segurança transatlântica (Frunzeti, 2015, tradução nossa).

Segundo Maulny (2019), a proposta de criação da Iniciativa Europeia de Intervenção, por exemplo, tornando possível a cooperação em matéria de defesa fora da OTAN e mesmo de estruturas da União Europeia é um passo importante para tornar possível uma cultura estratégica de defesa no continente.

Partindo para o entendimento sobre a posição da política externa francesa para a UE, é possível observar alguns elementos gerais que guiam a integração do país na região. Morgenthau (2003) afirma que, historicamente, a França faz uso de estratégias de equilíbrio de poder e se posiciona como uma potência de equilíbrio para garantir os seus interesses. Dessa forma, o país precisa constantemente alinhar de maneira pragmática a necessidade de autonomia e segurança frente a um cenário internacional afetado por mudanças constantes. Além disso, Bozo (2016) considera que, ao perceber o declínio do poder de seu país, Charles de Gaulle identificou a Europa como um meio possível para projetar o poder francês. Assim, Schmidt (2020) acrescenta que foi o gaullismo que estabeleceu na política externa francesa a visão da Europa como um multiplicador de poder para fortalecer a França e os seus interesses. Entretanto, apesar de considerar a integração europeia como uma ferramenta importante para a política externa francesa, Schmidt (2020) considera que de Gaulle mantinha grande foco na importância da soberania nacional, ao defender uma visão de “Europa de Nações”, rejeitar o federalismo europeu e a possibilidade da perda de soberania (Schmidt, 2020).

Com o passar dos anos, os sucessores do presidente de Gaulle mantiveram a ideia da Europa como fundamental para a projeção francesa, mas flexibilizaram em diferentes graus às ressalvas quanto à soberania nacional. Nesse sentido, é possível observar que, apesar das ressalvas no tocante à preservação à soberania nacional francesa, a importância dada atualmente à União Europeia pelo Eliseu é inspirada na ideia de que o bloco representa a “reencarnação” da França como uma potência e possibilita um meio para a criação de um mundo multipolar (Vaisse, 2008).

Nesse sentido, a inserção francesa engajada em estruturas de integração europeia é uma maneira de se adaptar à diminuição do seu poder relativo e garantir algum nível de equilíbrio de poder frente a outros atores externos como a Rússia. Ou seja, por meio da afirmação dos autores supracitados, pode-se inferir que o país utiliza a União Europeia como uma ferramenta em construção para conseguir projetar o seu poder em declínio e dar prosseguimento à sua agenda tradicional de defesa de modo a garantir a continuação da sua autonomia e da sua inserção internacional baseada na estratégia de equilíbrio de poder. A França entende que sem a construção de estruturas europeias integradas, o país perderá capacidade de projeção de poder, uma vez que não conseguirá projetá-lo como Estado-nação

de maneira isolada. Ainda assim, apesar do declínio das capacidades francesas percebido desde o século XX, a França ainda é vista como um ator geopolítico fundamental na Europa, tendo em vista que é um dos únicos países no continente vistos com capacidade de liderança nos setores de segurança e defesa (Ress, 2024), além de ser o único dentro da União Europeia com um arsenal nuclear.

2.2 Continuidades e mudanças: política externa de Emmanuel Macron

Um aspecto particular da política externa do presidente Emmanuel Macron consiste na utilização de uma lente civilizacional para interpretar o cenário internacional. Em seus discursos, o presidente francês tem apontado para a necessidade de defender a ordem internacional liberal e a civilização europeia, apontando que a França possui uma responsabilidade para apoiar esse processo. Assim, o presidente Emmanuel Macron fez da sobrevivência da ordem liberal uma prioridade da sua presidência (Staunton, 2022) e, portanto, de sua política externa.

Para tal, dando continuidade à tradição do país, o presidente Macron sustenta a necessidade de construção da autonomia estratégica europeia por meio do fortalecimento das capacidades militares do bloco e da coordenação de uma política externa e de defesa europeia (Puglierin; Shapiro, 2023). Ademais, Macron enxerga a possibilidade da União Europeia atuar como uma potência de equilíbrio (Macron, 2019a) que pode competir com grandes potências (Staunton, 2022).

Segundo a narrativa sustentada pelo líder francês, há uma crise da ordem internacional liberal e, em razão dessa crise, a civilização europeia está em perigo. Em função disso, o fortalecimento da União Europeia é essencial para ter a capacidade de competir com grandes potências que estariam ameaçando a ordem liberal e a própria civilização europeia. Ademais, a França seria um ator essencial no fortalecimento do bloco para lidar com este desafio civilizacional (Staunton, 2022).

Apesar da utilização de uma lente civilizacional não ser um traço único do presidente Emmanuel Macron (Charillon, 2021), sua abordagem diverge dos seus predecessores em função da leitura de que o mundo estaria passando por um “choque de civilizações”⁴ (Staunton, 2022) e que este choque estaria ocorrendo dentro do próprio Ocidente. Assim,

⁴ Embora o conceito de "choque de civilizações" tenha sido formulado por Samuel P. Huntington, ele é utilizado neste trabalho para reproduzir a interpretação proposta por Staunton (2022) acerca da leitura de Macron sobre a ordem internacional, e não para atribuir tal conceito ao presidente francês.

Staunton (2022) defende que o uso único de uma lente civilizacional na análise do Macron é essencial para entender sua política externa uma vez que o presidente vem clamando pelo fortalecimento do bloco sob a justificativa que esse fortalecimento seria necessário para a defesa da civilização europeia e da ordem liberal de maneira mais abrangente. Para o presidente francês (Macron, 2018), o mundo está passando por uma crise do sistema vestefaliano⁵, culminando na emergência de um mundo iliberal bipolar. Assim, o uso da lente civilizacional constitui-se como um dos aspectos mais distintos de sua política externa (Staunton, 2022).

Além disso, o desejo do presidente francês em “trazer a França de volta” para o centro da política europeia pode ser explicado pela visão de grandeza que a França possui de si mesma no mundo. O presidente afirmou que o país constitui-se como uma grande economia e potência industrial, militar, diplomática (Macron, 2019b), nuclear e membro do Conselho de Segurança. Em função disso, o país precisa saber como exercer seu papel de contrapeso quando desequilíbrios surgem (Macron, 2017) e precisa permitir que a Europa assuma o seu papel como líder do mundo livre (Dupont; Guernelle; Le Fol, 2017).

Apesar do posicionamento de Macron poder ser parcialmente explicado pela herança gaullista da política externa francesa (de Gaulle, 1954 *apud* Staunton, 2022), sua maneira de sustentar tal ideia é incomparável desde o final da Guerra Fria (Tiersky, 2018). O presidente sustenta que, por exemplo, o projeto europeu é também um projeto francês que representa o espírito do renascimento e do iluminismo, personificando o espírito humanista criado pelos franceses e que precisa ser reinventado atualmente (Macron, 2019b). Além disso, o ocupante do Eliseu tem conectado a civilização europeia ao excepcionalismo francês, defendendo que a França deve ser vista como a terra natal dos direitos humanos e possui o dever e a obrigação de defendê-los (Staunton, 2018 *apud* Staunton 2022). Em suma, embora Paris sob o comando de Macron pudesse ter justificado o envolvimento do país no fortalecimento da UE porque os interesses franceses estão em jogo, ele foi além e afirmou que a França é um dos estados mais qualificados para essa tarefa por causa de seu “*rank*” e também porque personifica a civilização europeia. Nesse contexto, “*rank*” é um termo comumente utilizado pelos líderes franceses para se referir ao status internacional e ao prestígio da França no mundo (Staunton, 2022). Mais uma vez, apesar da noção de que, em função da UE, a França é mais do que uma potência média e que é a guardiã dos valores liberais não ser uma ideia nova (Rieker, 2018),

⁵ Sistema criado a partir da Paz de Vestfália em 1648 que estabeleceu o paradigma nas relações internacionais no qual os Estados são soberanos, formalmente iguais e se relacionam sob o princípio da anarquia internacional (Molina, 2016, p. 5, tradução nossa).

Tiersky (2018) argumenta que o governo Macron é singular ao defender um senso de destino pessoal similar a de Gaulle, carregando um entendimento do que a França do século XXI deve ser.

No que diz respeito à OTAN, Macron já defendia o desenvolvimento conjunto da aliança e o desenvolvimento da defesa europeia de modo que o continente consiga ser um parceiro autônomo. Em entrevista, o presidente sustentou a afirmação que “o dia em que a cooperação se torna dependência, você se torna um tipo de vassalo e desaparece” (Macron, 2020, tradução nossa). Ou seja, para o Eliseu, independente do suporte da OTAN, a UE ainda precisa desenvolver uma defesa europeia mais robusta porque o continente não pode sempre depender dos EUA. Tal visão parte da constatação de que sem o parceiro norte-americano, o bloco não seria capaz de se proteger e, conseqüentemente, proteger a civilização europeia e a ordem internacional que ela procura incorporar (Macron, 2020). Em função disso, o Eliseu já sustentou diversas vezes que o fortalecimento da defesa europeia não significa uma alternativa à OTAN, senão a necessidade de reforçar a soberania europeia e posicionar-se como um parceiro mais forte na organização (Macron, 2021). A ambiguidade em relação à possível competição com a OTAN é minimizada por Macron ao afirmar que o conceito de “autonomia estratégica” se materializaria com a criação de estruturas de defesa europeias que funcionariam apenas como órgãos complementares em conjunto com a organização atlanticista (Faure, 2020). Dessa forma, o posicionamento do presidente atual do Eliseu é marcado por uma postura mais positiva que os seus antecessores, ainda que ambígua, acreditando na capacidade militar da organização, mas apontando problemas políticos e estratégicos (Faure, 2020). Um exemplo dessa ambiguidade foi o discurso de Macron na conferência da GLOBSEC em 2019 no qual, apesar de reconhecer a importância da organização para dissuasão e defesa territorial, Macron afirmou que ela estava em processo de “morte cerebral” (Weber, 2024).

Entretanto, embora o presidente Emmanuel Macron herde partes do nacionalismo de de Gaulle, ele também defende uma integração europeia mais profunda em determinadas áreas tal qual o Presidente Mitterrand (Chopin, 2023). Consoante a isso, apesar de defender uma visão pautada na soberania nacional em matéria de defesa, também acredita na construção de uma soberania europeia com uma concepção intergovernamental de política europeia. Além disso, Macron também apoia instituições supranacionais e uma integração mais profunda entre Estados europeus (Chopin, 2023). Ao contrário de seus predecessores, o presidente atual do Eliseu possui uma mudança distinta no que diz respeito à defesa da Europa como o futuro da defesa da França (Maulny, 2019). Assim, do ponto de vista da criação de

estruturas de defesa propriamente europeias, Emmanuel Macron preserva não só os elementos tradicionais da política externa francesa de longa data, como também o reposicionamento mais conciliatório em relação à OTAN observado desde a reentrada da França no Comando Integrado da organização em 2009.

É interessante notar que, enquanto a política externa de Macron preserva elementos tradicionais da diplomacia francesa, como a defesa do *rank* da França enquanto grande potência, ela também ressignifica elementos gaullistas ao reafirmar o excepcionalismo francês e sua missão na defesa da civilização europeia e dos valores iluministas. Além disso, o retorno francês ao Comando Militar Integrado da OTAN em 2009 também sugere que o afastamento de Macron da rivalidade entre defesa atlanticista e defesa independente europeia é um esforço francês acumulado na última década e meia para conseguir aliar as duas realidades, uma vez que a posição anterior pautada nessa rivalidade entre estruturas atlanticistas e europeias de defesa não parece ter surtido efeito.

Dessa maneira, a política externa do governo Emmanuel Macron possui uma mistura de tradição e reinvenção com mudança de tom, mas nada sugere uma ruptura considerável. Esses movimentos são importantes para entender o que a invasão da Ucrânia pela Rússia representa para o presidente Emmanuel Macron e para a política externa francesa. Ademais, entender a visão sustentada por Macron também é essencial para a compreensão da defesa vocal por estruturas europeias de defesa, especialmente quando os EUA se posicionam como um parceiro tão importante para a defesa europeia e ucraniana durante a guerra.

3 POLÍTICA EXTERNA FRANCESA PARA A RÚSSIA DURANTE A GUERRA NA UCRÂNIA

3.1 Posicionamento francês no início da guerra

Partindo para os posicionamentos tomados pela política externa francesa no início da Guerra da Ucrânia, por meio da revisão bibliográfica, algumas movimentações importantes podem ser observadas. No início da invasão, Macron deixou claro que a questão da Rússia seria uma prioridade na política externa do seu governo e lembrou aos embaixadores que a política externa permanece sob seu domínio, reforçando o caráter presidencial da diplomacia francesa e o foco que o presidente Macron dá para a área (Erlanger, 2023). Welc (2023) analisa a diplomacia francesa durante o início da Guerra na Ucrânia e indica o posicionamento singular do presidente francês que, ao mesmo tempo que ofereceu apoio público a Zelensky, manteve o canal diplomático aberto com a Rússia.

Szewczyk (2022) aponta que o início da Guerra da Ucrânia foi um momento de considerável fortalecimento francês porque a França ocupava o posto de Presidente do Conselho da União Europeia. Por meio da liderança francesa no início do conflito, o país conseguiu projetar seu poder e influência enquanto um grande ator no âmbito regional da União Europeia (Nemčiauskytė, 2023). Dentre as ações dirigidas pela França, é possível citar o chamamento de emergência para uma reunião do Conselho da União Europeia para afirmar a violação russa ao direito internacional e a ameaça representada por Moscou à segurança europeia e internacional. Uma série de cimeiras foram organizadas, sendo a principal delas a Reunião Informal dos Chefes de Estado ou de Governo da União Europeia no Palácio de Versalhes nos dias 10 e 11 de Março de 2022, encontro organizado pela França que determinou o fortalecimento das capacidades de defesa da União Europeia, a redução da dependência energética frente à Rússia, o fortalecimento da resiliência da economia do bloco e sanções à economia de guerra russa para impossibilitar o financiamento do exército russo. Ainda, por meio de sua liderança, a França garantiu suporte financeiro para a compra de equipamentos militares ao exército ucraniano (Nemčiauskytė, 2023). Em função de seu papel de destaque no início da guerra, o país conseguiu avançar em temas prioritários para a política externa de Emmanuel Macron que consiste em uma política proativa visando fortalecer a autonomia europeia nas relações internacionais e na esfera de defesa (Tolstov, 2023).

Ademais, ao analisar a atuação da política externa francesa no início da Guerra da Ucrânia, Kapp e Fix (2023) ressaltam a persistência da tradição francesa pela busca do

equilíbrio de poder e a preocupação da Quai d'Orsay⁶ em não escalar o conflito com a Rússia. Dessa forma, embora a França tenha mantido condenações fortes à invasão russa à Ucrânia desde o início, houve uma cautela inicial constante no sentido de evitar ações e discursos que impossibilitassem a construção de um diálogo futuro com a Rússia (Nemčauskytė, 2023).

Além disso, Tolstov (2023) também aponta que o posicionamento de Emmanuel Macron era pautado em tentar evitar um conflito da UE e da OTAN com a Rússia, inclusive revendo a forma de apoiar a Ucrânia para possibilitar o resultado esperado. Um dos pontos centrais de preocupação identificados pelo autor em Emmanuel Macron, era o desejo de evitar que a Rússia saísse humilhada do conflito atual tal qual a Alemanha saiu da Primeira Guerra Mundial, especialmente pelas condições vexatórias que o Tratado de Versalhes⁷ introduziu à Berlim no pós-guerra (Kapp; Fix 2023). Esse posicionamento, invariavelmente, entrou em conflito com as ambições ucranianas de conseguir reestabelecer seu território pré-2014 antes da invasão russa à Criméia (Kapp; Fix. 2023).

Analisando a posição cautelosa da França no início da invasão aos territórios de Donetsk e Lugansk em 2022, é possível observar um aspecto de continuidade na política externa francesa no sentido de buscar construir um equilíbrio de poder. Partindo desse ponto de vista, a França percebe a Rússia como uma grande potência na Europa. Nos anos anteriores à Guerra na Ucrânia, a França manteve um diálogo estratégico com a Rússia com base nessa percepção. O diálogo tinha como objetivo estabelecer uma balança de poder na Europa, mantendo a tradição da política externa francesa. Por meio dessa estratégia, o presidente Macron tentou posicionar-se como líder da Europa por meio da contraposição com a Rússia. Isso ocorreu porque Paris não queria gerar um cenário de desequilíbrio entre a Rússia e a Europa. Apesar de Moscou representar um desafio importante para o continente, os laços diplomáticos entre o Eliseu e o Kremlin eram vistos pela diplomacia francesa como uma oportunidade para a França atuar como importante intermediário e, dessa maneira, aumentar sua influência.

Em consonância a isso, segundo Welc (2023), é possível observar que a diplomacia da França sob o governo de Emmanuel Macron busca equilibrar poderes globais na tentativa de explorar as lacunas de poder que surgiram em função da guerra. Em sua análise, Welc (2023)

⁶ Termo utilizado para designar o Ministério da Europa e dos Negócios Estrangeiros França (Dictionary, s.d; tradução nossa).

⁷ Acordo de paz assinado no final da Primeira Guerra Mundial entre a Tríplice Entente e a Alemanha no Palácio de Versalhes. Na condição de perdedor da guerra, o tratado estabeleceu a Alemanha como culpada pelo conflito e impôs condições severas para o país. Historiadores defendem que as duras condições estabelecidas no documento foram responsáveis por criar ressentimento na Alemanha e tornaram o cenário fértil para o surgimento do nazismo e para os desenvolvimentos que levaram à Segunda Guerra Mundial (Britannica, s.d; tradução nossa).

corroborar com o argumento de Szewczyk (2022) de que a Guerra da Ucrânia gerou uma oportunidade para a França fortalecer sua liderança na União Europeia. Ou seja, os autores observam que, no início da Guerra da Ucrânia, a diplomacia francesa identificou uma oportunidade para fortalecer políticas tradicionais defendidas pelo país no processo de integração europeu e isso guiou o seu comportamento. Além disso, pode-se afirmar que no início da guerra, a França encontrava-se em uma posição favorável por ser um ator vocal sobre a necessidade de construção de estruturas de defesa europeia, ao mesmo tempo em que se encontrava em uma posição frágil porque manteve um diálogo diplomático considerável com a Rússia antes e no início do conflito.

O posicionamento de Macron sobre a aproximação com a Rússia antes e no início da guerra partiu do pressuposto defendido até então de que a Rússia era um parceiro importante enquanto um membro da civilização europeia e uma aproximação seria importante para o fortalecimento da Europa (Macron, 2017). Ademais, o ocupante do Eliseu argumentava que a redefinição das relações Rússia-UE iria beneficiar ambas as partes; uma vez que promoveria estabilidade no continente europeu; além de que, no entendimento de Macron, seria uma das duas únicas formas para Putin concretizar suas ambições para a Rússia e prevenir o país de se tornar uma marionete da China (Macron, 2019b) (Staunton, 2022).

Nesse sentido, a abordagem francesa no início da guerra foi marcada pela condenação à invasão russa, mas também pela manutenção da abertura de canais diplomáticos com o Kremlin e do pensamento da Rússia como um ator relevante para a construção de uma arquitetura europeia. Essa abordagem era esperada e está de acordo com as políticas empregadas até então pela França e pelo presidente Emmanuel Macron.

3.2 Mudanças na política externa francesa para a Rússia após o início da guerra na Ucrânia

Erlanger (2023) afirma que o início da invasão russa à Ucrânia em 2022 foi um choque para os países da Europa complacentes com a Rússia, como a França, porque os países do ocidente não apoiavam a expansão da União Europeia e da OTAN em função dos laços mais próximos com Moscou, de modo que encontraram-se paralisados sobre como proceder e quais posições deveriam ser tomadas frente ao tensionamento causado pelo início da guerra.

Apesar dessa paralisia inicial, um elemento importante a ser observado é que o conflito chacoalhou a geopolítica europeia de tal maneira que tornou possível mudanças drásticas na orientação de grandes atores europeus que seriam difíceis de conceber antes da

invasão. O acontecimento levou à reconfiguração das dinâmicas de segurança, equilíbrio regional e posições nacionais de política externa pelo continente (Cadier, 2023). Como já dito, apesar da cautela com a Rússia, a França buscou ocupar um papel de liderança e construir um amplo esforço europeu para apoiar a Ucrânia no início da guerra (Martill, 2024). Essa busca por liderança, contudo, evoluiu significativamente ao longo do conflito, como se pode identificar em seus posicionamentos posteriores. Nesse sentido, o autor aponta que, ao contrário de outros países, a França se destaca como um ator que mudou seu posicionamento desde o início do conflito (Martill, 2024).

Crombois (2023) afirma que as percepções da França, ou dos países da Europa Ocidental, sobre a Rússia e a guerra divergem fortemente das percepções dos países da Europa Oriental. Para entender as mudanças implementadas por Paris, é preciso considerar que, para países da Europa Ocidental como a França, a urgência de uma reação mais intensa não era tão urgente quanto para as nações mais próximas da fronteira russa, cuja percepção de ameaça é naturalmente maior devido à proximidade geográfica com o país invasor. Essa conjuntura se dá porque antes da guerra, a Rússia era vista pelos países da Europa Ocidental com desconfiança, mas como um ator importante para ser trazido mais perto da Europa. Por outro lado, para os países da Europa Central e do Leste Europeu, que estão localizados mais próximos da Rússia e que sofreram dominação direta da União Soviética, o Kremlin sempre foi visto como uma ameaça existencial imediata. Esta divergência pode ser observada antes e no início da guerra. Dessa forma, o que estava em jogo e foi estabelecido como prioritário por Paris no início do conflito foi a necessidade de balancear o crescente poder relativo da Rússia, mas mantendo canais abertos para futuras negociações.

Assim, a abordagem inicial buscou negociar com Putin na esperança que o líder russo concordasse em retirar suas tropas do território ucraniano (Reuters, 2022). Entretanto, o início da guerra russo-ucraniana expôs as limitações da política francesa para a Rússia. Apesar de o presidente Macron ter sido bem sucedido em prevenir o sentimento de isolamento russo em função do alargamento da OTAN, os esforços diplomáticos do país falharam em dissuadir Vladimir Putin a começar e a continuar a invasão. Uma vez que a França percebeu que não existia outra alternativa senão um posicionamento fortemente crítico a Moscou, o comportamento foi alterado (Cadier, 2024).

Um dos aspectos que demonstram essa forte mudança é o fato de que, ao longo de 2023, Paris passou de ter uma postura conservadora em relação à adesão da Ucrânia na OTAN e na União Europeia para se tornar um dos apoiadores mais vocais da adesão ucraniana (Cadier, 2024 *apud* Quencez, 2023; Rose, 2023). Cadier (2023) sustenta que, embora o Eliseu

tenha mantido uma forte oposição à geopolitização da UE e da OTAN no leste europeu antes e no início da guerra, posteriormente passou a defender ferrenhamente essas organizações como instrumentos geopolíticos na região, incluindo por meio da adesão da Ucrânia. Anteriormente, Paris era guiada pelo entendimento que a aproximação com o leste europeu sob moldes geopolíticos poderia ser vista como uma competição de poder pesado⁸ com o Kremlin, prejudicando a estabilidade da Europa e da própria região (França, 2020). Ademais, Cadier e Quencez (2024) afirmam que a França abandonou seus esforços tradicionais de construir uma arquitetura de segurança europeia com a Rússia e parece disposta a construí-la contra o país.

Outrossim, a invasão ao território ucraniano levou Paris a concluir que o Artigo V⁹ da OTAN é o único meio viável de garantir a segurança da Ucrânia e prevenir futuras agressões (França, 2023). Para o Eliseu, essa opção não é apenas a mais eficiente, como também é a que apresenta maior custo-benefício. Cadier e Quencez (2023) afirmam que o apoio ao alargamento da OTAN e da UE foi visto como uma ferramenta geopolítica pautada na ideia que deixar Ucrânia sem proteção direta pode alimentar futuros conflitos e contribuir para desestabilizar a região, especialmente quando considerado que a estratégia de cooperação com a Rússia mantida após a invasão da Criméia em 2014 não foi suficiente para impedir uma segunda invasão em 2022. Além disso, as opiniões favoráveis ao alargamento da UE e da OTAN tornaram-se um consenso entre os países da região e o apoio francês é uma forma de posicionar a França nos debates e decisões que formarão a ordem geopolítica europeia que virá da guerra atual, de modo a garantir que a França possa se beneficiar diplomaticamente no processo. É essa lógica que explica o novo suporte francês para a adesão da Ucrânia na OTAN e na UE, uma tentativa de contrabalancear a política imperialista russa estabilizando a sua vizinhança, uma vez que a primeira abordagem de negociação com Moscou não surtiu efeito (Weber, 2024). Além disso, a mudança de abordagem também constitui-se como uma tentativa de se manter relevante frente ao novo consenso formado na região.

Ademais, o início da guerra forçou o presidente Macron a reconhecer que a Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD)¹⁰ da União Europeia era inadequada para conter a

⁸ Uso do poder militar para persuadir outros países a fazer algo, ao invés do uso da influência cultural ou econômica (Cambridge, s.d; tradução nossa).

⁹ Dispositivo fundamental da defesa coletiva da Organização do Tratado do Atlântico Norte que estabelece que um ataque armado sofrido por um dos países-membros da aliança representa um ataque armado a todos os países da aliança. Nesse cenário, os membros da aliança tomarão as ações que sejam necessárias para dar suporte ao aliado atacado (Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2023).

¹⁰ Arcabouço jurídico da União Europeia para coordenar políticas de segurança e defesa do bloco, permitindo a condução da administração de crises civis e militares, prevenção de conflitos e operações de paz (European External Action Service, 2021).

ameaça à Europa (Rees, 2024). Como resposta, Paris adaptou sua estratégia para se alinhar com o consenso de apoiar a Ucrânia com menores preocupações sobre como a Rússia reagiria a esse apoio. Consoante a isso, o país anunciou planos de aumentar o seu orçamento de defesa em um terço, evidenciando uma mudança na sua postura (Caulcutt, 2023). Segundo Rouillard (2024), tal alteração foi motivada também pelo início da Guerra da Ucrânia porque o início do conflito alterou a forma como os Estados europeus percebem a área da defesa.

Além disso, o país passou a considerar outras políticas mais agressivas e menos focadas em soluções diplomáticas (Weber, 2024). Em 26 de Fevereiro de 2024, durante uma conferência em suporte à Ucrânia, o presidente francês pontuou a necessidade de fazer o necessário para garantir o apoio à Ucrânia, inclusive o envio de tropas para o território ucraniano caso seja necessário (Rouillard, 2024). Esse pronunciamento do presidente francês marca uma grande mudança em sua narrativa, saindo de uma postura de mediador e de defesa de negociações para uma postura de ambiguidade estratégica com a Rússia ao considerar publicamente retaliação com o uso de poder pesado, como o envio de tropas (Minic, 2024). Por outro lado, Martill (2023) enxerga que apesar dessas mudanças, alguns aspectos se mantêm como os esforços, ainda que menores, para manter canais diplomáticos de comunicação com o regime de Putin e a ênfase na construção de uma solução europeia para o conflito.

Ademais, pode-se dizer que a proposta francesa para a criação da Comunidade Política Europeia excluindo a Rússia constituiu-se como uma nova abordagem para a política externa francesa, mas reforça a sua preferência por uma Europa mais estratégica e multivelocidade (Ewers-Peters; Baciú, 2022). Isso representa uma grande virada de paradigma porque quando a Rússia invadiu a Criméia em 2014, os esforços para garantir uma cooperação com a Rússia não impediram Paris de condenar veementemente as ações do Kremlin, mas o objetivo ainda permaneceu incluir a Rússia na dinâmica de segurança europeia de maneira cooperativa (Cadier, 2018), posição que parece ter sido abandonada. Em suma, os esforços recentes do Eliseu na criação da Comunidade Política Europeia¹¹, excluindo completamente a Rússia, indicam que a França sofreu uma mudança de estratégia no que concerne aos meios para garantir a estabilidade do continente (Cadier; Quencez, 2023).

Outro marco importante na guinada da política externa francesa foi o discurso do presidente Macron na GLOBSEC, ocorrido em Bratislava em 2023. Na ocasião, o chefe do

¹¹ Organização europeia proposta com o objetivo de promover o diálogo político e a cooperação para abordar questões de interesse comum e reforçar a segurança, a estabilidade e a prosperidade do continente europeu (Conselho da União Europeia, 2025).

executivo francês deu sua *mea culpa* em seu discurso e reconheceu que Paris não escutou suficientemente os alarmes da Europa Central e do Leste Europeu. Além disso, Macron denunciou os esforços de Moscou para tornar a região vulnerável e reafirmou o compromisso francês na defesa da região. Ainda, o Eliseu reconheceu que os esforços de manter um canal diplomático aberto e constante com Moscou no início da invasão afetou significativamente a imagem da França na Europa Central (Macron, 2023a). Na conferência, o presidente francês reforçou que a Rússia é uma ameaça para a arquitetura de segurança da União Europeia, afirmando que Putin não pode vencer o conflito. Esse discurso foi importante porque reforçou o reposicionamento iniciado aos poucos desde o início da guerra de aproximação da política externa do Macron com o Leste Europeu (Rouillard, 2024). Vale apontar que atores da região como diplomatas, parlamentares e jornalistas concordam que a França passou por mudanças significativas no que diz respeito às políticas do país para a Ucrânia, Rússia e a região (Cadier; Quencez, 2023).

Além das razões já citadas, a bibliografia encontrada sugere que outra motivação importante para entender a mudança da abordagem de Paris consistiu no medo em perder espaço no papel de liderança na política de segurança e defesa do bloco para países da Europa Central e do Leste Europeu (Martill; Sus, 2023). Esse medo se deu porque a guerra aumentou o poder de países da região que já nutriam uma visão mais negativa sobre a Rússia. Assim que o conflito foi iniciado, esses países sustentaram políticas como a expansão da União Europeia e da OTAN para o leste europeu (Erlanger, 2023). Nessa perspectiva, o posicionamento ainda conciliatório com a Rússia mantido no início da Guerra da Ucrânia foi responsável por gerar desconfiança da Ucrânia e de aliados na União Europeia, especialmente os países bálticos (Welc, 2023).

Dessa maneira, o aumento do poder relativo desses países constituiu-se como um novo desafio para a manutenção da influência francesa na Europa (Erlanger, 2023), uma vez que anteriormente a França não levava em consideração os alarmes emitidos por eles contra a Rússia e a continuação desse comportamento poderia gerar um desgaste importante para a influência francesa no bloco. Assim, a Guerra da Ucrânia mostrou a limitação da visão francesa seguida desde o final da Guerra Fria de que os únicos atores relevantes para a criação de políticas e decisões residiam na Europa Ocidental, uma vez que o peso da influência europeia desloca-se para o leste (Chopin, 2023). Além disso, a necessidade de aproximação de Paris com a Europa Central se deu pela percepção que a construção de uma Europa mais forte como um ator geopolítico unido e a consolidação da liderança francesa nesse

contexto depende da aproximação com essa região, considerada negligenciada por tanto tempo (Haddad, 2023).

Ainda, considerando a “diplomacia do equilíbrio” de Charles de Gaulle (Crombois, 2023), seria possível dizer que o apoio mais vocal à Ucrânia representa um reposicionamento dessa estratégia, uma vez que as tentativas de aproximação com a Rússia não surtiram efeito para promover o tão procurado equilíbrio na região, de modo que novas estratégias precisam ser seguidas para chegar ao equilíbrio almejado. Isso não seria uma novidade porque, segundo Morgenthau (2003), uma das estratégias utilizadas para garantir o equilíbrio de poder consiste no fortalecimento das nações mais fracas envolvidas no conflito e, no caso atual, a Ucrânia constitui-se como a nação mais fraca. Assim, a busca pelo equilíbrio de poder tão buscado pela França permanece, mas por outros meios.

De qualquer maneira, apesar dessas mudanças, Cadier e Quencez (2023) afirmam que os objetivos mais amplos de Paris permanecem os mesmos: posicionar a Europa como um ator geopolítico forte e independente. A única diferença é que o país percebeu que alcançar esse objetivo requer métodos diferentes na conjuntura pós-2022. É interessante notar que, no que diz respeito à análise das mudanças empreendidas pela França ao longo da guerra, enquanto Cadier e Quencez (2023) reforçam o caráter de permanência e continuação, Weber (2024) utiliza o termo alemão *Zeitenwende*¹² para indicar que a França passou por uma transformação extrema em sua postura de segurança nacional, indicando visões distintas na bibliografia sobre a significação das mudanças ocorridas na política externa francesa no período. Apesar de defender uma análise de que as mudanças foram drásticas, Weber (2024) argumenta que, em comparação com as mudanças da política externa da Alemanha, a *Zeitenwende* francesa foi mais sutil. Para ela, a transformação da posição francesa sobre o alargamento da UE e sobre a adesão da Ucrânia à OTAN são uma representação dessa mudança. Apesar disso, a maior parte da literatura sobre a temática parece reconhecer que as mudanças ocorreram, só interpretam a gravidade delas de maneira distinta.

¹² Palavra alemã que significa “mudança de era” que foi amplamente utilizada em 2022 para descrever uma mudança fundamental de paradigma na política, segurança e economia na Alemanha após a invasão russa à Ucrânia em 2022 (German Council on Foreign Relations, s.d; tradução nossa).

4 RESULTADOS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO

4.1 Legitimação moral do apoio à Ucrânia

Segundo Bardin (2011), por meio da análise de conteúdo, é possível identificar a presença ou ausência de características no material analisado, de modo que é possível produzir interpretações mais complexas com base na inferência (Bardin, 2011). Consoante a isso, para que seja possível fazer a análise, alguns procedimentos precisam ser seguidos. Assim, na fase de pré-análise, os discursos presidenciais de Emmanuel Macron em eventos internacionais importantes foram escolhidos para servir de amostra para identificar os principais elementos da política externa durante o conflito na Ucrânia comunicada pelo presidente ao mundo e ao corpo diplomático francês. Foram escolhidos os discursos do presidente em instâncias como a Assembleia Geral da ONU, voltada para a discussão de assuntos globais importantes com a presença da maior parte dos países; a Cúpula da OTAN, que envolve uma audiência ocidental diretamente afetada pelo conflito cujo foco é tratar da segurança e da defesa da região; a Conferência das Embaixadoras e dos Embaixadores, que possui um discurso interno voltado para as prioridades e os principais desafios da diplomacia francesa; a Cúpula do G7, que trata de aspectos de segurança e possui membros ocidentais; a Cúpula do G20, que possui uma audiência mais diversa, inclui a Rússia e trata de desafios internacionais; a Conferência de Segurança de Munique, voltada para uma audiência majoritariamente europeia e com foco na segurança internacional; e o Fórum da GLOBSEC, que também trata de temas de segurança internacional para uma audiência europeia. Assim, os discursos do executivo francês feitos nesses eventos foram escolhidos porque estão entre os compromissos internacionais mais importantes frequentados pela presidência francesa e pelos principais atores internacionais, a maior parte possui regularidade anual e atingem audiências variadas, de modo que são capazes de demonstrar como a presidência francesa discursou sobre a guerra na Ucrânia ao longo do período. Além disso, ainda na fase de pré-análise, foram definidos como unidades de registro os trechos dos discursos que abordam a Rússia, a Ucrânia e a política externa francesa no contexto da guerra na Ucrânia.

Na segunda fase, o material foi explorado, codificado e classificado. Primeiramente, com base na definição do que se encaixa como unidade de registro, identificou-se quais trechos dos textos eram relevantes para serem utilizados na análise de conteúdo. Após isso, as unidades de registro receberam códigos de modo a identificar de maneira resumida o seu conteúdo. Em seguida, as unidades de registro foram agrupadas e classificadas seguindo

critérios de semelhança. A partir da classificação, os dados foram interpretados por meio da inferência para se chegar ao presente capítulo.

Ao analisar os discursos do Presidente Emmanuel Macron, o primeiro elemento observado é a construção da legitimação do apoio à Ucrânia por parte da França e, em certa medida, da Europa, por meio da qualificação do ato perpetrado pela Rússia. A palavra mais comum utilizada pelo presidente francês para descrever o conflito lançado pela Rússia na Ucrânia é “agressão”. Além disso, o presidente Macron também utiliza a palavra “ataque” e “invasão” com menor frequência para descrever a ofensiva russa.

Assim, o presidente sustenta que a entrada do exército russo no território ucraniano constitui-se como uma agressão que viola a Carta das Nações Unidas e o princípio da igualdade soberana dos Estados. Além disso, reitera o caráter ilícito da ação ao apontar que a Corte Internacional de Justiça declarou a ilegalidade da agressão e ordenou a saída do exército russo do território ucraniano. Ainda, o caráter soberano do Estado ucraniano é reforçado de modo que a entrada de tropas na Ucrânia e a tomada de territórios é representada como uma clara violação dessa soberania (Macron, 2022c).

Ademais, a agressão russa à Ucrânia é definida como um ato injustificável e como reflexo de uma lógica imperialista (Macron, 2022a) e neocolonialista (Macron, 2023b). Outrossim, não haveria justificativa moral ou jurídica possível para legitimar a invasão de um território vizinho com o objetivo de anexá-lo (Macron, 2022c). Em uma perspectiva mais ampla, Macron define a guerra conduzida pela Rússia como uma violação a elementos básicos da ordem internacional (Macron, 2024b).

O uso recorrente do termo “agressão” para definir a guerra sugere o foco no uso do direito internacional como ferramenta para deslegitimar a ação russa. Segundo o Tribunal Penal Internacional, “agressão” é definida como o “uso de força armada por um Estado contra a soberania, integridade territorial ou independência política de outro Estado ou de qualquer outra maneira que seja inconsistente com a Carta das Nações Unidas” (Tribunal Penal Internacional, 2010, art. 8 bis, tradução nossa), sendo esses atos passíveis de julgamento pelo tribunal. Além disso, evidencia a atribuição de responsabilidade já que uma agressão pressupõe um estado agressor e um estado agredido. Dessa maneira, a guerra iniciada na Ucrânia pela Rússia é definida por Macron como uma agressão, a Rússia é o Estado agressor e a Ucrânia é o Estado agredido.

Ao discursar sobre a atribuição de responsabilidade pelo conflito, Macron apresenta a Rússia como o ator que recusou as tentativas pré-conflito de construir uma paz negociada (Macron, 2022b), preferindo partir para os meios coercitivos. Além disso, o presidente francês

também sustenta que não existe proporcionalidade de culpa entre a Rússia e a Ucrânia, uma vez que o conflito foi iniciado com a presença de forças armadas russas em território ucraniano, ao passo que não havia tropas ucranianas operando em território russo. Dessa maneira, a guerra é vista como uma escolha deliberada e unilateral da Rússia. Nessa perspectiva, a decisão de recorrer à guerra é atribuída exclusivamente ao Kremlin, cabendo apenas à Rússia renunciar à agressão contra a Ucrânia (Macron, 2022b).

Além disso, ao comentar sobre uma possível atribuição de culpa à Europa, Macron afirma que a escolha pela guerra não foi dos europeus e que, portanto, não devem ceder à tentativa russa de ajustes de fronteiras pela força. Segundo Macron, ceder não representa apenas uma ameaça à Ucrânia, mas também aos valores europeus e à paz no continente (Macron, 2022b). Assim, o presidente francês rejeita a legitimidade dos referendos de anexação realizados em territórios ocupados, classificando-os como simulacros, e reforça que a Rússia não imporá suas vontades pela via militar (Macron, 2022c).

Ainda tratando da atribuição de responsabilidade pelo conflito, no discurso presidencial francês é afirmado que existe uma narrativa compartilhada por determinados países segundo a qual a guerra na Ucrânia seria uma forma de imposição do Ocidente e da OTAN. Macron rejeita essa interpretação ao argumentar que a resposta à agressão russa não constitui uma tentativa de expansão ocidental, mas uma reação à violação da soberania de um Estado e a defesa da paz na Europa (Macron, 2022b). Assim, o conflito na Ucrânia é definido como uma guerra não só militar, mas também narrativa, na qual a Rússia utiliza-se de meios de desestabilização para influenciar a forma como a guerra é lida pelos demais países (Macron, 2022a). Ao construir essa oposição entre a narrativa russa e a sua interpretação do conflito, Macron procura confrontar a justificativa apresentada por Moscou e reafirmar a responsabilidade exclusiva da Rússia pelo início da guerra. Assim, a tentativa de atribuir a culpa do conflito à OTAN e ao Ocidente é apresentada como parte de um esforço mais amplo de legitimação da intervenção russa em território ucraniano.

Além disso, o chefe do Executivo francês utiliza os termos “guerra híbrida mundializada” e “anexação de caráter híbrido” para definir a agressão iniciada pela Rússia. Segundo Macron, o caráter híbrido do conflito decorre do uso de estratégias narrativas e de instrumentos não militares voltados à influência e à desestabilização política (Macron, 2022a). Nessa perspectiva, a Rússia busca não apenas justificar sua agressão por meio da atribuição de responsabilidade à OTAN e ao Ocidente, mas também enfraquecer a legitimidade dos valores que estruturam a ordem internacional. Desse modo, o Kremlin é apresentado como um ator que procura minar o universalismo dos valores defendidos pelas democracias europeias por

meio desses mecanismos de guerra híbrida. Segundo o presidente francês, essa estratégia representa um ataque aos elementos que historicamente regularam a mundialização e as relações entre os Estados (Macron, 2022a).

Dessa maneira, a Rússia é descrita como um ator que age para desestabilizar a ordem mundial e gerar dúvida entre os Estados quanto a viabilidade do suporte à Ucrânia (Macron, 2022e). Por meio dessa lógica, a Rússia ocupa o papel de uma potência de desequilíbrio que busca fraturar e causar divisão mundial (Macron, 2022a). Ademais, Macron define que apesar da Guerra na Ucrânia ser um conflito de natureza territorial, em função de sua natureza híbrida, há a possibilidade de desdobramentos em outros campos como no espaço cibernético, no espaço sideral e no mar. Assim, o líder francês urge para que a Europa prepare suas capacidades de defesa nessas áreas (Macron, 2025e).

Outro elemento importante compartilhado nos discursos de Macron é a confirmação da percepção até então ambígua acerca da relação entre o Kremlin e o Grupo Wagner (Macron, 2023b). O Grupo Wagner é um grupo paramilitar russo envolvido na guerra na Ucrânia e em outros conflitos ao redor do mundo e é descrito como criminoso, mafioso e gerador de desordem. O presidente francês afirma que, apesar das reiteradas suspeitas sobre a proximidade entre o grupo e o Kremlin, as autoridades russas haviam sustentado anteriormente que o Wagner não era um instrumento do Estado russo, mas um problema para o próprio governo (Macron, 2023b). Entretanto, segundo Macron, por meio dos discursos presidenciais russos em 2023, não restam mais dúvidas sobre a relação direta do grupo paramilitar com o Kremlin (Macron, 2023b). Apesar das desconfianças sempre compartilhadas sobre a relação do grupo com o governo russo, a afirmação dessa constatação pelo Presidente Macron representa um momento importante para a linha discursiva presidencial francesa porque sugere a interpretação de que o Kremlin teria ocultado deliberadamente sua relação com o Grupo Wagner.

Macron aprofunda a ideia da Rússia como uma potência desestabilizadora e de divisão e traça um paralelo entre a União Soviética e a Rússia. O presidente afirma que a entrada da Eslováquia e dos demais países da Europa Central e do Leste Europeu na União Europeia em 2004 foi o retorno deles à família europeia após um longo período de separação imposta pela União Soviética (Macron, 2023a). Segundo Macron, não existem diferentes europas, como uma velha e uma nova Europa, ou uma Europa oriental e outra ocidental, pois considera que o uso desses termos é uma forma de perpetuar uma divisão artificial criada pelo Estado soviético (Macron, 2023b). Assim, o presidente francês define que “existe apenas uma Europa

com diversidade de histórias interconectadas que agora desejam integrar-se em uma estrutura de cooperação” (Macron, 2023b, tradução nossa).

Para ilustrar seu argumento, Macron recorre a uma paráfrase de uma declaração do diretor da Agence de Presse da Hungria durante a intervenção soviética no país em 1956: “Nós morremos pela Hungria e pela Europa” (Macron, 2023a, tradução nossa). Macron usa a intervenção na Hungria como uma alegoria para articular que, apesar de a divisão europeia causada pela União Soviética ter terminado e o continente estar em um momento de aprofundamento da unidade entre os países, a guerra de agressão lançada pela Rússia ameaça essa unidade reconquistada (Macron, 2023a). Cabe salientar que, apesar de a Hungria ter sido invadida em 1956 pela União Soviética, o presidente Macron afirma que a invasão da Hungria foi consumada pela “artilharia russa”. Considerando que as escolhas lexicais em discursos políticos são instrumentos de construção de significado e enquadramento narrativo (Fairclough, 2003; Van Dijk, 2006), a opção de Macron por referir-se à “artilharia russa”, e não à “artilharia soviética”, sugere uma tentativa de estabelecer uma continuidade histórica entre o papel soviético de divisor do continente e o papel desempenhado pela Rússia contemporânea. Assim, Macron argumenta que o Ocidente não será “sequestrado” novamente. Dessa maneira, o líder francês mobiliza uma memória histórica associada à influência soviética sobre parte da Europa durante a Guerra Fria. A escolha lexical sugere a possibilidade de a Rússia desempenhar papel semelhante no presente, reforçando sua representação como ameaça à autonomia e à segurança europeias (Macron, 2023a).

Apesar de Macron construir a Rússia como um ator divisor do continente, é possível observar que essa percepção, ao menos na forma descrita por Macron, é uma visão recente decorrente da invasão em 2022. A partir dessa leitura, Macron afirma que outros países da União Europeia, dentre eles a França, não deram ouvidos aos alertas feitos pelos países da Europa central e do leste europeu no que dizia respeito aos perigos da aproximação do bloco com a Rússia. Dessa maneira, o chefe do Eliseu reconhece que a abordagem baseada na integração econômica com a Rússia não funcionou como o esperado (Macron, 2023a). Assim, a construção da Rússia como um ator de divisão emerge no discurso como um desdobramento de uma tentativa de aproximação malsucedida evidenciada pela guerra na Ucrânia.

Esse movimento de reavaliação da relação entre Europa e Rússia é acompanhado por uma leitura dos objetivos da guerra, especialmente no que se refere à contestação da unidade europeia. Nesse sentido, a guerra de agressão na Ucrânia é retratada como uma maneira de contestar o projeto de integração europeia e que, durante esse período de aprimoramento e consolidação e expansão da unidade europeia, a Rússia tentou sabotar a estrutura de

segurança do continente para remodelá-la de acordo com os seus próprios interesses. Sob essa ótica, a guerra tem como intuito enfraquecer e neutralizar a Ucrânia, além de vulnerabilizar uma parte da Europa deixando-a sem garantias de segurança sérias e objetivas. Além disso, Macron afirma que a guerra russa seria uma forma de tutelar ilegalmente uma parte da Europa, demandas russas que, na visão de Macron, são injustificáveis e irrealistas (Macron, 2023a). Outrossim, também é construído que a tentativa de enfraquecer a união dos países da OTAN não surtiu efeito e que eles, inclusive, ficaram mais unidos após a invasão à Ucrânia (Macron, 2024c).

Para além da definição dos objetivos atribuídos à guerra, o discurso de Macron também enfatiza a dimensão escalatória da Rússia. Tal caráter escalatório é descrito em função do envolvimento de soldados da Coreia do Norte no teatro de guerra e do emprego de drones iranianos para atacar a Ucrânia (Macron, 2025d), países definidos pelo presidente como “potências proliferantes de armas nucleares” (Macron, 2024c, tradução nossa). Ainda, o episódio é descrito como uma evolução da intensidade da guerra que pode levar a consequências inesperadas (Macron, 2024a). Assim, o presidente afirma que o envolvimento direto de países terceiros representa uma mudança na natureza da guerra, configurando um ponto de ruptura no conflito, e sustenta que o único país responsável por ações escalatórias é a Rússia (Macron, 2024a; 2025d). Dessa maneira, a Rússia não só aparece como o único país responsável pelo conflito, mas também como o único país responsável por intensificá-lo.

Ademais, o caráter nuclear da guerra é mencionado por Macron com a afirmação de que a Rússia violou estigmas internacionais ao fazer uso da ameaça nuclear durante o conflito (Macron, 2023b). Além disso, a atualização da doutrina nuclear russa é definida como inédita e mais agressiva (Macron, 2024a). A avaliação do presidente francês se dá porque autoridades russas proferiram com frequência discursos ambíguos e implícitos de dissuasão nuclear no contexto da guerra na Ucrânia e porque em 2024 a Rússia alterou sua doutrina nuclear e aumentou os cenários no qual o uso de armas nucleares é considerado legítimo no escopo da lei russa. Assim, o presidente citou esse episódio como um exemplo do papel russo enquanto uma potência de desestabilização mundial (Macron, 2024a) não só em caráter convencional como também em caráter nuclear.

Segundo o presidente francês, nos últimos anos, a Rússia não só tem aumentado sua agressividade, como também tem alterado a natureza dessa agressividade em relação aos seus vizinhos europeus e mesmo em outras regiões do mundo (Macron, 2025d). Dentre os países afetados pelo aumento da agressividade russa, Macron cita o abandono da posição histórica de Moscou de apoio à Armênia em detrimento do Azerbaijão no conflito entre os dois países.

Além disso, são mobilizados casos de desestabilização política e alegações de falsificação eleitoral na Geórgia, bem como tentativas de interferência em processos eleitorais na Moldávia e na Romênia, o que reforça a gravidade atribuída à atuação russa, especialmente quando direcionada a um Estado-membro da União Europeia, como a Romênia. Nesse sentido, é retratado que o endurecimento da doutrina nuclear russa e a postura de constante ameaça aos países vizinhos são elementos que demonstram que a agressividade russa se tornou mais clara e explícita após o início do conflito (Macron, 2025d).

Ainda tratando de estigmas internacionais violados pela Rússia, também é mencionado o cometimento de crimes de guerra contra a população civil. O chefe do Eliseu defende que esses crimes estão acontecendo durante a ocupação russa e que precisam ser investigados, julgados e punidos pela justiça internacional e pela justiça ucraniana. São citados ataques russos com mísseis contra infraestruturas civis, dentre os quais o ataque ao Centro Comercial de Kremenchuk, em 2022, que o presidente enquadra como um crime de guerra (Macron, 2022b). Além disso, os intensos bombardeios contra Kiev em 2025 são descritos como ataques direcionados a civis e como demonstrações da falta de disposição russa para promover uma desescalada do conflito e avançar em negociações de paz (Macron, 2025d). Assim, Macron enfatiza a urgência para que a Rússia cesse os ataques à infraestruturas civis como infraestruturas energéticas, administrativas, culturais e ataques diretos à população civil, reforçando a construção da Rússia como um ator que comete crimes de guerra (Macron, 2025e).

Para além da violência direcionada à população civil no território ucraniano, o discurso presidencial também destaca a dimensão global dos efeitos da guerra, especialmente no que se refere à segurança alimentar internacional. Nesse sentido, o presidente francês afirma que a Rússia destrói a infraestrutura agrícola da Ucrânia para causar insegurança alimentar no mundo e minar o apoio internacional à Ucrânia (Macron, 2022c). Isso se dá porque o aumento das externalidades da guerra em países terceiros pode gerar um custo que os levem a defender o fim da guerra a qualquer custo, mesmo que isso signifique a capitulação da Ucrânia. Segundo Macron, a instrumentalização da fome constitui um exemplo da capacidade russa de utilizar a insegurança alimentar como ferramenta na guerra para alcançar seus anseios imperialistas (Macron, 2022c).

Outrossim, além dos efeitos transnacionais do conflito, o discurso presidencial também se desloca para a análise da correlação de forças no campo de batalha para a capacidade russa de projetar poder na Ucrânia. Citando a importância do apoio europeu à Ucrânia, Macron afirma que a Rússia tinha uma expectativa de vitória fácil ao invadir o país,

expectativa que foi frustrada pela capacidade de resistência ucraniana e pelo apoio dos seus aliados. Derrotas russas importantes na invasão citadas são a resistência bem-sucedida em Kiev, a retomada de territórios no norte e a resistência em Kherson e Kharkiv (Macron, 2023a), reflexo de uma falha grave no plano e na capacidade russa de subjugar a Ucrânia. Também se observa nos discursos presidenciais que, apesar das investidas russas, o cenário parece indicar que o país não conseguirá conquistar a Ucrânia (Macron, 2023a). Dessa maneira, para Macron, a Rússia não está em posição de fazer exigências baseadas em ameaças uma vez que a sua capacidade militar na Ucrânia ficou aquém do esperado, finalizando que não há espaço para um fantasma imperial no continente (Macron, 2023a).

Ainda falando sobre frustrações nas demandas russas, o presidente Macron define que a entrada da Suécia e da Finlândia na OTAN motivada pelo aumento do nível de ameaça percebido por causa da guerra de agressão na Ucrânia representa uma outra derrota estratégica para a Rússia (Macron, 2023b). Isso se dá porque um dos objetivos da invasão da Ucrânia era impedir a entrada de mais países que fazem fronteira com a Rússia na UE e na OTAN. Nesse sentido, não só a OTAN ficou maior após o início da guerra, como também a fronteira da aliança com a Rússia aumentou por causa da adesão da Finlândia.

Outrossim, é possível encontrar no discurso presidencial francês a ideia que o prestígio internacional russo está em declínio. O discurso relaciona o comportamento neocolonial da Rússia à crescente desconfiança dos vizinhos em relação ao país, sustentando que sua capacidade de mediação em conflitos em regiões onde historicamente desempenha esse papel, como o Cáucaso, encontra-se comprometida (Macron, 2023b). Ademais, afirma que o comprometimento da autoridade russa no mundo constitui-se como uma das derrotas russas desde o início da guerra. Outrossim, também se constrói no discurso a ideia que mesmo possuindo os meios de uma potência, a Rússia não consegue ser uma economia de alto valor agregado e permanece como um país limitado à produção de matérias-primas. Essa limitação russa se dá apesar dos esforços ao longo dos anos para aumentar a sua produção tecnológica e da desconfiança que esses esforços causaram em seus vizinhos (Macron, 2023b).

Entretanto, apesar de apontar os sinais de fraqueza nas demandas e na performance russa dentro e fora da guerra, Macron reforça que a Europa ainda vive uma ameaça russa, ameaça vivida desde a invasão da Geórgia e da Criméia. Segundo ele, a invasão à Ucrânia em 2022 permitiu revelar a natureza dessa ameaça e isso precisa ficar claro nas discussões sobre a segurança europeia. Nesse sentido, além de apoiar a Ucrânia, é necessário armar a Europa para defender-se dessa ameaça (Macron, 2024a). Nessa perspectiva, o presidente Macron

também afirma que a Rússia é o grande desafio estratégico da Europa para além da Guerra na Ucrânia (Macron, 2025d).

Um movimento importante notado nos discursos do líder francês iniciado no final de 2023 e reforçado a partir do início de 2024 é a definição dos critérios mínimos para que a paz seja alcançada. Macron afirma que a paz deve ser definitiva e duradoura, não fruto de um cessar-fogo temporário. No início do conflito, o discurso presidencial francês sobre a paz era feito de maneira mais abstrata, citando-a apenas como um objetivo a ser alcançado e que ela deveria respeitar os interesses da Ucrânia e o direito internacional. No discurso do G7 em 2023, no entanto, além de definir que os princípios para a construção da paz para cessar o conflito são que a Ucrânia e o direito internacional sejam respeitados, Macron também define que os termos do acordo precisam refletir uma paz duradoura e definitiva, recusando cessar-fogos que posterguem o conflito para depois (Macron, 2023f; 2025d).

Outrossim, Macron afirma que a construção da paz depende de a Rússia parar de atacar a Ucrânia. O presidente francês afirma que a Ucrânia está pronta para um cessar-fogo e para começar as negociações, faltando à Rússia fazer o mesmo. Assim, o argumento é que a Ucrânia, a Europa e os seus aliados desejam a paz, sendo a Rússia a responsável pela continuação da guerra (Macron, 2024a). Macron ainda afirma que a Rússia propõe cessar-fogos com o único objetivo de paralisar momentaneamente o conflito, não em busca de um resultado definitivo (Macron, 2023e) e acusa o Kremlin de desejar esses cessar-fogos apenas para ganhar tempo, reforçando a falta de compromisso russa com a paz (Macron, 2025d). Além disso, em diferentes momentos a Ucrânia tem mostrado disposição para que se chegue a um cessar-fogo e apresentou diversas vezes suas condições para a paz, enquanto a Rússia mente ao afirmar estar disposta a negociar os termos de paz, mas evita marcar um encontro com autoridades ucranianas para assumir compromissos concretos que encerrem o conflito (Macron, 2025d; 2025e).

Assim, o apoio à Ucrânia é defendido de diversas maneiras. Dentre elas, por meio da definição que a presença de tropas russas na Ucrânia é uma agressão que por si só tem caráter ilegal à vista do direito internacional, que a Rússia ocupa o papel de país agressor e a Ucrânia ocupa o papel de país agredido e que a responsabilidade pelo início e pela continuação da guerra é da Rússia. É apontado o cometimento de crimes de guerra pelas tropas russas e o papel do país como potência imperialista e de desestabilização a nível europeu e mesmo mundial. O seu nível de agressividade e ameaça é lido como em processo de crescimento, inclusive em caráter nuclear. A importância de apoiar a Ucrânia tem como uma das bases de sustentação a leitura de que o plano russo previa uma invasão rápida, mas que a Ucrânia

conseguiu frustrar esse plano por meio do apoio recebido pelos seus aliados. A capacidade ucraniana de frustrar parte dos objetivos da invasão também demonstra as limitações da capacidade efetiva russa de atuar enquanto uma potência capaz de impor seus interesses por meio do uso da força. Sendo assim, o apoio europeu e de outros países deve continuar para que a Ucrânia consiga se defender da agressão (Macron, 2023b) de modo que o direito internacional seja respeitado (Macron, 2024a) e que os anseios imperialistas russos sejam frustrados.

O apoio à Ucrânia também é defendido pelo presidente pelo fato de que o fluxo de apoio financeiro e militar à Ucrânia está tornando-a um país muito poderoso. O aumento do poderio militar ucraniano torna imperiosa a reinclusão do país na arquitetura de segurança existente (Macron, 2023b). Assim, também é necessário manter-se como aliados credíveis para que o país tenha meios para pressionar a Rússia e conseguir conquistar uma paz credível e durável para si e para a Europa (Macron, 2023b).

4.2 Construção da Rússia como ameaça estratégica

Na análise de conteúdo, foi identificada a construção da Rússia como uma ameaça estratégica. Os pronunciamentos presidenciais evidenciam essa construção em duas dimensões principais: a caracterização da Rússia como ameaça à segurança europeia e como ameaça à ordem internacional. Embora tenham sido separadas analiticamente, as duas dimensões não são independentes e aparecem com frequência de maneira conjunta. A divisão em subseções distintas busca evidenciar os diferentes elementos discursivos que sustentam cada dimensão, facilitando a análise de seus significados e recorrências.

4.2.1 Dimensão da segurança europeia

A agressão russa à Ucrânia é construída à primeira vista como uma ameaça ao continente europeu. O presidente Macron enuncia que a guerra na Ucrânia não é apenas um conflito isolado entre dois países (Macron, 2022e), mas um conflito singular porque representa a violação da integridade territorial de um Estado europeu (Macron, 2023c) e o retorno da guerra no continente (Macron, 2022e). Ainda, destaca que todos foram coletivamente confrontados com o início da guerra (Macron, 2022b). O discurso presidencial sugere não se tratar de um acontecimento isolado, mas o reflexo de uma série de processos que estavam em curso e que levaram à eclosão do conflito (Macron, 2022e).

A segurança francesa é definida como de caráter coletivo, indicando que ela se encontra ameaçada pela agressão russa na Ucrânia (Macron, 2023c). Além disso, a importância atribuída à guerra decorre da centralidade da paz como condição para a prosperidade francesa. Dessa maneira, não só a prosperidade, como os valores e as liberdades francesas e europeias estão ameaçadas, sendo necessário defendê-las pagando o preço que for necessário. Para o presidente, a Ucrânia não luta apenas por si, mas em nome da defesa da Europa (Macron, 2022e). Nesse sentido, apesar dos altos custos, as sanções à Rússia são um meio para que a Europa possa reconquistar a paz violada deliberadamente por Moscou (Macron, 2022b).

Em outro momento, ao falar sobre a ameaça russa ao continente, Macron exemplifica que a violação do espaço aéreo polonês e romeno por drones e do espaço aéreo estoniano por caças russos em 2025 são uma demonstração clara que todos os europeus estão ameaçados e devem permanecer unidos frente à vontade do Kremlin de desestabilizar a Europa (Macron, 2025c). Segundo Macron, a Rússia já demonstrou repetidas vezes a sua capacidade de ameaçar e desestabilizar o continente com o uso de tecnologias diversas, inclusive, por meio da guerra cibernética (Macron, 2025a). Dessa maneira, a segurança dos membros da OTAN está diretamente ameaçada pelas ambições russas (Macron, 2022b).

Diante desse cenário, Macron apresenta o Artigo V¹³ da OTAN como um elemento central da dissuasão contra a Rússia (Macron, 2023a; 2024c). Assim, é construído que o retorno da guerra na Europa motivou o reforço militar do flanco oriental da aliança para proteger os aliados contra a ameaça russa (Macron, 2022c). Ademais, é descrito que mais tropas e equipamentos militares da aliança foram e continuarão a ser enviados para Estônia, Romênia, Lituânia e para o Mediterrâneo para aumentar a projeção da aliança na região (Macron, 2022c; 2023b; 2023d; 2023c). Outrossim, é destacada a rápida mobilização da aliança que enviou esse reforço assim que a invasão à Ucrânia começou (Macron, 2023a; 2023c). Além da importância dos meios convencionais, a capacidade de dissuasão nuclear da aliança é enquadrada como fundamental para a defesa dos aliados no contexto da agressão russa (Macron, 2022c; 2023b). Também é enfatizado como os membros da aliança estão unidos na defesa do flanco oriental do continente (Macron, 2022e). Dessa maneira, a OTAN é retratada como capaz de continuar a garantir a segurança territorial dos aliados frente às ameaças russas (Macron, 2024c).

¹³ O artigo V da OTAN que trata da defesa coletiva da aliança. O artigo define que um ataque contra um membro da aliança será considerado um ataque contra todos os membros e estabelece que todos os membros da aliança são obrigados a prestar assistência ao país atacado (Organização do Tratado do Atlântico Norte, 2023).

Nesse contexto de reforço da arquitetura de segurança coletiva da OTAN, o discurso presidencial também articula o engajamento europeu com a Ucrânia como parte da mesma lógica de contenção da ameaça russa. Assim, por mais que Macron indique que não pretende entrar no conflito diretamente (Macron, 2022a), afirma que apoiará a Ucrânia quanto tempo for necessário (Macron, 2022b). Um elemento que demonstra o compromisso francês no apoio à Ucrânia é a criação da Coalização de Voluntários, uma união de 35 países cujo objetivo é dar garantias de segurança a longo prazo para os ucranianos (Macron, 2025c). Esse apoio visa criar as condições para que a Ucrânia conquiste uma paz sólida e justa (Macron, 2025c). Nessa perspectiva, Macron reitera que a Rússia não pode ganhar a guerra porque isso acarretaria em instabilidade na Europa e na perda de confiança nos princípios do direito internacional para os europeus e para os seus aliados (Macron, 2023c). Dessa maneira, a Rússia não pode ganhar a guerra porque o que está em jogo é o futuro de todo o continente (Macron, 2024c), a segurança europeia, os interesses dos europeus e da França (Macron, 2025a).

Para além da dimensão estritamente europeia da segurança coletiva e do apoio à Ucrânia, o discurso presidencial insere a ameaça russa em um contexto mais amplo de reconfiguração da ordem internacional. Assim, a ameaça representada pela Rússia é inserida por Macron em um contexto mais amplo de transformação da distribuição global de poder. Esse contexto é marcado pelo risco de enfraquecimento do Ocidente, especialmente da Europa. Macron afirma que isso é decorrente da diluição da população europeia, da riqueza produzida e do papel ocupado pela Europa no comércio global depois da crise de 2008 e 2010. Além disso, esse enfraquecimento também é causado pela emergência de grandes potências internacionais (Macron, 2023c). Macron ainda ressalta que a Europa não pode mostrar fraqueza permitindo que a Rússia ganhe a guerra e que a Ucrânia seja capitulada porque, nesse cenário, os atores europeus não terão credibilidade para garantir a segurança em outras regiões do mundo (Macron, 2025d). Assim, o contexto dessa ameaça é ampliado pelo presidente francês ao tratar das mudanças estruturais na ordem internacional que impactam o papel da Europa e do Ocidente no mundo.

Além disso, também é necessário manter-se como aliados credíveis da Ucrânia para que seja possível que o país tenha meios para pressionar a Rússia e conseguir conquistar uma paz credível e durável, mas também para conseguir incluir a Ucrânia em uma arquitetura de segurança que seja credível, também, para os seus aliados europeus (Macron, 2023b). Assim, a Ucrânia está batalhando para trazer garantias de segurança para a Europa (Macron, 2023a). Dessa maneira, a segurança e a estabilidade da Europa dependem da construção de uma paz

sólida e as garantias de segurança dadas à Ucrânia são garantias para toda a vizinhança (Macron, 2023a). Nesse sentido, Macron afirma que a França fará tudo que estiver em seu poder para que a Ucrânia fique fora de perigo e obtenha justiça. O presidente francês afirma que manterá o envio de equipamentos para a defesa do país junto aos aliados até que a Ucrânia consiga uma segurança durável para si e para a Europa (Macron, 2024b). Além disso, o chefe do Eliseu enfatiza que os países-membros da OTAN que apoiam o direito internacional e que são contra o imperialismo contemporâneo precisam utilizar a aliança como uma ferramenta para garantir o respeito ao direito e à paz (Macron, 2024c). Embora seja claro que o conflito ocorre em território europeu, a insistência de Macron em destacar seus impactos continentais revela um esforço de ampliar sua relevância estratégica. A guerra é apresentada não apenas como um problema pontual, mas como um desafio à segurança europeia em seu conjunto, justificando tanto o apoio contínuo à Ucrânia quanto o fortalecimento dos mecanismos de defesa coletiva do continente.

Assim, é crucial apoiar a Ucrânia para que ela tenha condições de chegar a uma vitória militar ou a uma paz negociada (Macron, 2022e) porque uma solução rápida para o conflito significaria a capitulação da Ucrânia e isso não seria bom nem para a Europa nem para os EUA (Macron, 2025a). Em função disso, a Europa precisa manter uma diplomacia combativa para impedir que a guerra escale e não acelere os movimentos de desestabilização da ordem mundial (Macron, 2022e), precisa reforçar sua segurança e manter-se firme no apoio à Ucrânia (Macron, 2023b).

4.2.2 Dimensão da ordem internacional

Entretanto, Macron não se limita a construir a ameaça russa apenas contra a Europa. Segundo Macron, a eclosão da Guerra na Ucrânia é um momento crucial para a Europa, mas também para toda a ordem internacional (Macron, 2022e) porque tem implicações em todos os continentes (Macron, 2022c). Segundo o mandatário francês, quanto mais a guerra durar, mais ela se tornará uma ameaça para todos os países (Macron, 2022c). Ele argumenta que a restauração do estado de paz, dos direitos legítimos da Ucrânia e a construção de uma paz sólida e durável é uma questão de interesse comum (Macron, 2024b) porque a vitória russa colocaria a segurança e a estabilidade europeia e mundial em jogo (Macron, 2023a; 2025a). Dessa maneira, a Europa não pode deixar a Rússia ganhar a guerra, seja pela própria Europa, seja pela ordem internacional (Macron, 2025a).

Macron destaca que alguns países afirmam que a guerra na Ucrânia concerne apenas à Europa e recusa essa argumentação (Macron, 2023b). Segundo o mandatário francês, é importante evitar uma divisão no mundo com base na narrativa que a guerra é apenas europeia e não é um problema para os demais países do mundo. O discurso presidencial francês defende que a guerra concerne todos os países do mundo porque impacta a capacidade de fazer respeitar o direito internacional e os princípios que regem a ordem internacional, especialmente a integridade territorial (Macron, 2023c).

Segundo ele, a agressão à Ucrânia é um momento de ruptura histórica porque viola e enfraquece os princípios da ordem internacional construídos após a Segunda Guerra Mundial que permitiram a manutenção da paz, sejam eles a defesa da integridade territorial, do princípio da igualdade soberana dos Estados, da democracia, da recusa à conquista territorial com o uso da força e a própria Carta das Nações Unidas (Macron, 2022e; 2022c). Além disso, Macron sustenta que existe um agressor e um agredido bem definidos, argumentando que a agressão contra a Ucrânia tensiona os princípios norteadores da ordem internacional que são responsáveis pela estabilidade e pela paz (Macron, 2023b). Ainda, o mandatário francês afirma que essa ordem foi arrasada e precisa ser reconstruída (Macron, 2022e).

Nessa perspectiva, Macron aponta que a Rússia está travando uma guerra de conquista territorial desprezando os princípios fundamentais da ordem internacional (Macron, 2024b) e que o Ocidente não pode deixar a Rússia ganhar e conquistar territórios com base em uma agressão porque isso seria uma representação da derrota dos valores ocidentais e da ordem internacional (Macron, 2022a). De acordo com Macron, o respeito à soberania e à integridade territorial são os melhores argumentos contra a Rússia e são princípios inegociáveis. Segundo o presidente francês, a violação desses princípios torna ainda mais difícil a resolução dos conflitos entre os países, especialmente num contexto internacional marcado pela divisão do Conselho de Segurança da ONU e pela desconstrução de tratados importantes responsáveis pela arquitetura da segurança internacional (Macron, 2022e).

Outrossim, Macron afirma que a segurança internacional está ameaçada por um revisionismo e por um imperialismo (Macron, 2025d). O presidente francês defende que a agressão russa à Ucrânia é pautada numa visão de mundo neocolonial e imperialista (Macron, 2023b). Em seu ato e justificativa, a Rússia nega a identidade própria do país vizinho considerando que pode anexar parte ou mesmo a totalidade do território ucraniano e atribui a si um direito de tutelar outro povo. Aceitar ou legitimar as demandas russas por ação ou omissão ao não apoiar a Ucrânia é, segundo Macron, aceitar que o neocolonialismo e o imperialismo são ideias legítimas em todos os lugares do mundo (Macron, 2023b).

Dessa forma, a vitória da Rússia colocaria a segurança internacional em jogo porque as justificativas russas consistem em um revisionismo e imperialismo (Macron, 2025a). O chefe do Eliseu ressalta que o imperialismo contemporâneo não é europeu ou ocidental e toma a forma de uma invasão territorial apoiado por uma guerra híbrida mundializada que aproveita-se do preço da energia, da insegurança alimentar, da segurança nuclear, do acesso à informação e da circulação de pessoas como arma de divisão e destruição (Macron, 2022c). Desse modo, a agressão russa é um problema de todos os países porque impacta a autoridade do direito frente à lei do mais forte e da liberdade frente ao imperialismo (Macron, 2025c).

Outrossim, é mobilizada a ideia que a guerra iniciada pela Rússia leva o mundo a um estado de conflitualidade expandida e permanente, estado no qual a soberania e a segurança dos Estados deixa de depender da sua igualdade perante o direito e torna-se uma questão de correlação de forças, do tamanho, do poderio militar, da presença ou não de alianças militares e das intenções de grupos armados e milícias (Macron, 2022c). Esse estado de coisas também é caracterizado pela submissão do mais fraco ao mais forte (Macron, 2022c). Assim, a fragilização dos princípios que regem a ordem internacional decorrente da guerra abre a possibilidade para outras guerras de anexação não só na Europa, como em outros continentes (Macron, 2022c).

Macron ainda aponta que a paz e a segurança são para todos, não direitos exclusivos de alguns países. Segundo ele, todos os países têm o direito de escolher suas próprias alianças. A escolha pela liberdade, pela democracia e pela transparência, como fez a Ucrânia, não constitui uma ameaça aos seus vizinhos (Macron, 2023b). O presidente francês sustenta que a Carta das Nações Unidas estabelece a igualdade soberana dos países e que, portanto, não existe previsão de soberania limitada, razão pela qual a Ucrânia não deveria deixar de entrar nas alianças que lhe interessam por causa da percepção de ameaça da Rússia (Macron, 2023b). O presidente explica que a resistência da Ucrânia e a obtenção da paz permitirá dissuadir os russos de tentarem roubar território e riquezas ucranianas no futuro (Macron, 2025c). Nesse sentido, a defesa da Ucrânia também é a defesa da soberania, da integridade territorial e da dignidade humana (Macron, 2025b).

Sob essa ótica, Macron argumenta que a Rússia não deve ganhar a guerra para que não haja uma banalização do uso ilegal da força (Macron, 2023b). O mandatário francês afirma que nenhum país se sentirá seguro frente aos seus vizinhos mais fortes e mais violentos caso os países permitam que a Rússia ganhe a guerra (Macron, 2024b). Nesse sentido, Macron afirma que os conflitos atuais, dentre eles o na Ucrânia, põe à prova a capacidade de fazer respeitar a Carta das Nações Unidas (Macron, 2024b). Ou seja, a inação frente a agressão de

uma potência como a Rússia geraria uma descredibilização das regras que compõem a ordem internacional, prejudicando a capacidade de fazer elas serem respeitadas (Macron, 2025a).

Esse risco de enfraquecimento das normas internacionais é associado pelo presidente a um contexto mais amplo de crescente fratura da ordem global. O chefe do Eliseu assinala que o contexto atual impõe dificuldades à proposição de soluções para a guerra. Segundo Macron, o mundo não só está bastante fraturado, como também passa por um processo de aprofundamento dessas fraturas, o que torna ainda mais difícil encontrar soluções para o conflito (Macron, 2022e). Além disso, esse contexto é caracterizado pelo risco de uma nova partilha do mundo em blocos, nos moldes do que ocorreu durante a Guerra Fria (Macron, 2022c).

Esse cenário se dá porque há fortes tensionamentos geopolíticos e um questionamento cada vez maior da ordem internacional e dos seus princípios (Macron, 2023c; 2024c). Um número crescente de países considera que a ordem internacional vigente é antiquada, sem legitimidade e que não reflete a realidade atual e propõem a criação de uma nova ordem mundial menos ocidental (Macron, 2023b). Essa visão é alimentada por um ressentimento anticolonialista e antiocidental em diversas partes do mundo que afirma que o ocidente aplicou padrões duplos de direito internacional (Macron, 2023c). Em função disso, certos atores internacionais propagam a ideia de que existe o lado ocidental que defende valores ultrapassados a serviço de seus interesses e o outro lado que esteve em posição de desvantagem e busca cooperação mesmo que isso signifique apoiar ou ignorar a guerra (Macron, 2022c). O presidente francês admite que os países ocidentais, incluindo a França, tomaram erroneamente certas liberdades com esses valores (Macron, 2022c), e adaptaram o direito internacional ao que eles achavam correto relativizando a soberania de certos países e que isso levou ao questionamento das organizações que regulam a ordem internacional como o Conselho de Segurança da ONU e o Banco Mundial (Macron, 2023c). Entretanto, esse movimento de questionamento tem como risco a divisão do mundo, o enfraquecimento da ordem internacional baseada no direito, das ideias democráticas e dos mecanismos de cooperação (Macron, 2023c).

Macron afirma que apesar dos erros cometidos, os ideais do direito internacional e da Carta das Nações Unidas são valores universais, não ideais regionais adaptáveis (Macron, 2022c) que representam apenas os interesses do Ocidente. Além disso, defende que não é possível uma ordem internacional pacífica que não seja baseada no respeito aos povos e no princípio da responsabilidade (Macron, 2022c), elementos presentes na ordem internacional vigente. Assim, Macron defende que os erros cometidos pelo Ocidente não justificam

descartar a ordem internacional construída desde o final da Segunda Guerra mundial (Macron, 2022c) e que o contexto de crise e os questionamentos exigem uma ordem internacional mais cooperativa e consolidada (Macron, 2023c).

Nesse contexto, Macron sustenta que a universalidade desses princípios exige uma condenação inequívoca da agressão russa. Segundo o presidente francês, deixar de condenar a Guerra na Ucrânia é validar a lei do mais forte, o desrespeito à integridade territorial, a violação da soberania nacional e a impunidade frente a crimes de guerra (Macron, 2022c). Dessa maneira, o apoio à Ucrânia no conflito não deve ser interpretado como uma dualidade entre o Ocidente e o restante do mundo, tampouco entre o Norte e o Sul ou entre o Ocidente e o Oriente, mas como uma divisão entre os países que defendem o direito internacional, a Carta das Nações Unidas, a paz e aqueles que apoiam a guerra (Macron, 2022e; 2022c). A falta de clareza quanto a essa questão pode levar à divisão do mundo em decorrência das consequências diretas e indiretas do conflito (Macron, 2022c).

Macron ainda afirma que a Rússia sugere querer abrir novos tipos de cooperação para uma nova ordem internacional sem hegemonia. Entretanto, o mandatário francês questiona a intenção dos russos ao refletir qual ordem internacional um país que invade o vizinho e que desrespeita as fronteiras daqueles que o desagradam seria capaz de construir. Além disso, sustenta que a Rússia diz querer construir uma ordem sem hegemonia, mas atua como agente hegemônico na Ucrânia (Macron, 2022c). O chefe do Eliseu ainda acrescenta que a Rússia é uma das potências de desequilíbrio que não foram contidas pela dissuasão do Ocidente e que a posição dessas potências fragiliza a ordem internacional (Macron, 2022e). Assim, Emmanuel Macron instiga os países a não caírem na narrativa russa que busca desagregar a ordem vigente pós-colonial que permitiu a construção da estabilidade internacional, da soberania e da integridade das fronteiras porque a ordem internacional não pode estar a serviço de uma potência que viola esses princípios (Macron, 2022c).

Portanto, o chefe do Eliseu defende a importância de continuar a discursar e a condenar a guerra nos fóruns internacionais para evitar uma divisão da opinião internacional sobre a Ucrânia (Macron, 2023c). Além disso, argumenta que a autoridade do direito é a melhor arma para os países do mundo contra a lei do mais forte e que a aplicação dos seus princípios é a única maneira de remediar a existência de padrões desiguais de aplicação do direito (Macron, 2025c).

Desse modo, Macron afirma o compromisso do Ocidente com a ordem internacional multilateral e democrática e aponta que uma das implicações da ação russa também é a fragilização das democracias ocidentais, além que a agressão pode reforçar desequilíbrios já

existentes com fortes implicações para todo o mundo (Macron, 2022e). Assim, o apoio à Ucrânia estabelece-se como a defesa das regras internacionais que são responsáveis pela manutenção da paz e da estabilidade (Macron, 2022b) e o destino do país impactará a paz e a segurança na Europa e no mundo (Macron, 2023b; 2024b).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar as mudanças da política externa da França para a Rússia durante a guerra na Ucrânia, buscando responder de que maneira o início da invasão russa em larga escala ao território ucraniano alterou o posicionamento francês em relação a Moscou. Para isso, por meio da utilização da análise de conteúdo, foram examinados os principais elementos da tradição da política externa francesa, os posicionamentos adotados pelo governo de Emmanuel Macron antes e depois de fevereiro de 2022 e os discursos oficiais do presidente francês sobre a guerra.

Assim, a análise permitiu identificar que houve alterações significativas na política externa francesa para a Rússia ao longo do conflito. No início da guerra, a França manteve o equilíbrio entre condenar a invasão russa e, ao mesmo tempo, manter forte diálogo diplomático com Moscou. Tal posicionamento refletia tanto o paradigma considerado melhor para lidar com a Rússia até então, que buscava integrar a Rússia por meio do diálogo e da integração econômica. Além disso, esperava-se que a manutenção do diálogo diplomático pudesse contribuir para o encerramento das hostilidades e tornaria possível a construção de uma futura arquitetura de segurança europeia que incluísse a Rússia.

Entretanto, o prolongamento da guerra, a ausência de avanços concretos nas negociações e o fato de que a Rússia passou a ser vista cada vez mais como uma ameaça provocaram uma transformação gradual na postura francesa. O período analisado mostra uma reconfiguração gradual partindo de uma estratégia baseada na mediação diplomática para a adoção de uma posição mais assertiva e confrontacional. O reposicionamento ficou evidente tanto no discurso presidencial quanto em ações defendidas pelo governo francês, dentre elas o aumento do apoio militar à Ucrânia, o aumento das tropas da OTAN no flanco oriental, além de referências à dissuasão nuclear como meio de desencorajar novos avanços russos.

Os resultados da análise de conteúdo permitiram demonstrar que a representação da Rússia nos discursos presidenciais passou por uma mudança considerável. Nessa perspectiva, o país deixou de ser entendido apenas como um vizinho difícil e começou a ser visto como uma ameaça estratégica existencial para a Europa e para o mundo. Macron utiliza termos como potência imperialista, revisionista e desestabilizadora para descrever a Rússia. Além disso, o país é descrito como uma ameaça à ordem internacional, à soberania dos Estados e aos princípios fundamentais que regulam a ordem internacional, sem a suavização tradicional que os discursos presidenciais costumavam ter para lidar com o país.

Nesse contexto, observou-se a construção moral do apoio à Ucrânia na guerra. Assim, a invasão russa é descrita como uma agressão ilegal sem justificativa. A partir disso, defender a Ucrânia é construído como um dever moral para defender os princípios da soberania e da integridade territorial e, dessa forma, do direito internacional e da ordem internacional vigente. Dessa forma, o apoio à Ucrânia não constitui-se como um apoio pontual, mas como uma necessidade para preservar a estabilidade europeia e a estabilidade do sistema internacional.

Assim, os efeitos do conflito são descritos como sistêmicos porque são capazes de enfraquecer a segurança internacional e a aplicação das normas internacionais que regulam a convivência entre os Estados. Sob essa perspectiva, a ajuda à Ucrânia em seus esforços de defesa é uma condição necessária para impedir que a Rússia vença o conflito. A importância de impedir uma vitória russa se dá pela visão que, uma vitória russa teria como consequência a normalização do uso da força como instrumento legítimo, situação que pode levar ao surgimento de uma nova ordem internacional que tenha como base a imposição da vontade dos estados mais fortes sobre os mais fracos.

Dessa forma, os resultados da pesquisa indicam que houve uma alteração de política externa para a Rússia, mas que essa mudança não significou um abandono completo da tradição até então empregada. Foram identificadas redefinições de estratégia e dos meios identificados como adequados, mas os objetivos pretendidos pela França continuam os mesmos: a busca pela preservação da influência internacional da França, a defesa de uma Europa mais forte e independente e a tentativa de garantir um papel central para Paris na liderança europeia. Nesse sentido, a pesquisa sugere que apesar da manutenção dos objetivos estratégicos, os instrumentos considerados adequados para alcançá-los foram alterados diante da conjuntura criada pela agressão russa à Ucrânia.

Assim, a guerra na Ucrânia revelou os limites da estratégia de aproximação e diálogo mantida por Paris nos anos anteriores à guerra e contribuiu para uma reavaliação das premissas que orientavam a política francesa para a Rússia. O reconhecimento público da abordagem equivocada para a Rússia demonstra que a França precisou adaptar sua atuação para preservar sua credibilidade junto aos seus parceiros europeus e para se manter relevante na condução dos debates sobre segurança na região.

A eclosão e a continuação da guerra na Ucrânia apesar dos esforços de negociação demonstraram a ineficácia da estratégia mantida por Paris para a Rússia de buscar uma aproximação por meio do diálogo diplomático. O reconhecimento desse erro demonstra que a

França precisou reposicionar-se para garantir a preservação da sua credibilidade com os seus parceiros europeus e para se manter relevante nos debates sobre segurança na região.

Por fim, conclui-se que a política externa francesa para a Rússia sofreu mudanças substanciais em decorrência da guerra na Ucrânia. A França passou de uma estratégia caracterizada pela busca de diálogo e integração da Rússia à arquitetura de segurança europeia para uma postura baseada na contenção da ameaça russa e no fortalecimento do apoio à Ucrânia. Apesar dessas transformações, os princípios estruturantes da diplomacia francesa ligados à busca por influência internacional, autonomia estratégica e liderança europeia permaneceram presentes. Dessa maneira, a guerra não alterou os objetivos fundamentais da política externa francesa, mas transformou profundamente os meios considerados necessários para alcançá-los. A compreensão desse processo contribui para os estudos sobre política externa francesa, segurança europeia e transformações da ordem internacional contemporânea, além de oferecer subsídios para futuras pesquisas sobre os impactos de longo prazo da Guerra Russo-Ucraniana na configuração geopolítica do continente europeu.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3ª reimpressão da 1ª edição de 2011. Lisboa, Edições 70, 2011.

BORA, Salih; SCHRAMM, Lucas. Toward a more “sovereign” Europe? Domestic, bilateral, and European factors to explain France’s (growing) influence on EU politics, 2017–2022. *French Politics*, v. 21, n. 1, p. 3–24, 2023.

BOZO, Frédéric. *French foreign policy since 1945: an introduction*. New York: Berghahn Books, 2016.

BRITANNICA. World War I - The war in the east, 1914. Encyclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/World-War-I/The-war-in-the-east-1914>. Acesso em: 27 ago. 2025.

CAULCUTT, Clea. Macron proposes major boost to French defense spending amid Ukraine war. *Politico*, 20 Jan. 2023. Disponível em: <https://www.politico.eu/article/emmanuel-macron-ukraine-war-volodymyr-zelenskyy-major-boost-to-french-defense-spending> Acesso em: 15 out. 2024.

CADIER, David. Continuity and change in France's policies towards Russia: a milieu goals explanation. *International Affairs*, v. 94, n. 6, p. 1349-1369, 2018.

CADIER, David. Changes in France’s policies towards Ukraine and Russia: Implications for Central Europe, 2024. Disponível em: https://think.visegradfund.org/wp-content/uploads/Changes-in-Frances-policies-towards-Ukraine-and-Russia_Implications-for-Central-Europe-Cadier-IIR.pdf Acesso em: 22 jan. 2025.

CADIER, David; QUENCEZ, Martin. France 's policy shift on Ukraine' s NATO membership. *War on the Rocks*, v. 10, 2023. Disponível em: <https://warontherocks.com/2023/08/frances-policy-shift-on-ukraines-nato-membership/> Acesso em: 20 out. 2024.

CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; GONÇALVES, Carlos Alberto. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, v. 5, n. 1, 2003. Disponível em: <https://www.revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251> Acesso em: 08 nov. 2025.

CHARILLON, Frédéric. *La France dans le monde*. Paris: CNRS Editions, 2021.

CHOPIN, Thierry. L’idée d’Europe chez le Président Macron: une ambivalence française. *Commentaire*, n. 181(1), p. 47–54, 2023.

CROMBOIS, Jean. The Ukraine war and the future of the Eastern Partnership. *European View*, v. 22, n. 1, p. 103-110, 2023.

COHEN, Roger. “Macron tells Biden that cooperation with U.S. cannot be dependence.” *The New York Times*, 29 jan. 2021. Disponível em:

<https://www.nytimes.com/2021/01/29/world/europe/macron-biden.html>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CONSELHO DA UNIÃO EUROPEIA. Reunião da Comunidade Política Europeia. Bruxelas, 16 mai. 2025. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/meetings/international-summit/2025/05/16/> Acesso em: 25 jun. 2025.

DE SAINT-ROBERT, Philippe. *Le secret des jours: une chronique sous la Ve République*. Paris: Lattès, 1995. p. 131.

DUPONT, Laureline; GUERNELLE, Etienne; LE FOL, Sébastien. "Macron, le grand entretien." *Le Point*, Paris, 30 ago. 2017. Disponível em: https://www.lepoint.fr/politique/exclusif-emmanuel-macron-le-grand-entretien-30-08-2017-2153393_20.php. Acesso em: 20 dez. 2024.

ERLANGER, Steven. *Ukraine war accelerate shift of power in Europe to the East*. New York Times internacional, 2023.

EUROPEAN EXTERNAL ACTION SERVICE. *The Common Security and Defence Policy*. Bruxelas, 2021. Disponível em: https://www.eeas.europa.eu/eeas/common-security-and-defence-policy_en. Acesso em: 27 ago. 2025.

EWERS-PETERS, Nele; BACIU, Cornelia. Differentiated integration and role conceptions in multilateral security orders. A comparative study of France, Germany, Ireland and Romania. *Defence Studies*, p. 666–688, 2022.

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London: Routledge, 2003. Disponível em: <https://howardaudio.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/01/n-fairclough-analysing-discourse.pdf> Acesso em: 15 nov. 2025

FAURE, Samuel. Une idée incertaine de l'Europe. Comprendre les ambiguïtés stratégiques d'Emmanuel Macron. *Les Champs de Mars*, n. 34(1), p. 149–168, 2020.

FONSECA, Pedro. Poder e discurso: uma análise de conteúdo do discurso de posse dos ministros das Relações Exteriores do Brasil (2003–2016). *Political Observer: Revista Portuguesa de Ciência Política*, n. 9, p. 89–110, 2018. Disponível em: <https://rpcp.pt/index.php/rpcp/article/view/19> Acesso em: 16 nov. 2025

FRANÇA. Ministère des Armées. *Revue stratégique de défense et de sécurité nationale*. Paris, 09 nov. 2017. Disponível em: <https://www.sgdsn.gouv.fr/publications/revue-nationale-strategique-2022>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FRANÇA. Ministère de L'Europe et des Affaires Étrangères. Déclarations officielles de politique étrangère du 20 jul. 2023. Paris, France, 2023. Disponível em: <https://basedoc.diplomatie.gouv.fr/vues/Kiosque/FranceDiplomatie/kiosque.php?fichier=bafr2023-07-20.html#Chapitre1>. Acesso em: 13 mar. 2025.

FRUNZETI, Teodor. Atlanticism or Europeanism? Em: Conferința internațională educație și creativitate pentru o societate bazată pe cunoaștere – științe sociale, politice. Vienna, 2015. p. 5.

GERMAN COUNCIL ON FOREIGN RELATIONS. Zeitenwende. Berlim: [s.d.]. Disponível em: <https://dgap.org/en/research/expertise/zeitenwende>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HADDAD, Benjamin. Il est temps de refonder la relation entre la France et l'Europe centrale. Le Figaro, 31 maio 2023. Disponível em:

<https://www.lefigaro.fr/vox/monde/benjamin-haddad-il-est-temps-de-refonder-la-relation-entre-la-france-et-l-europe-centrale-20230531>. Acesso em: 22 out. 2024.

HOFMANN, Stephanie. Party preferences and institutional transformation: Revisiting France's relationship with NATO (and the common wisdom on Gaullism). Journal of Strategic Studies, v. 40, n. 4, p. 505–531, 2017.

HUNTINGTON, Samuel P. O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997. Disponível em:

https://cesarmangolin.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/02/samuel_huntington_-_o_choque_de_civilizacoes1.pdf Acesso em: 12 fev. 2025.

INTERNATIONAL CRIMINAL COURT. *Elements of Crimes*. The Hague: International Criminal Court, 2010. Disponível em:

<https://www.icc-cpi.int/sites/default/files/Publications/Elements-of-Crimes.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2026.

RAMANZINI JÚNIOR, Haroldo; FARIAS, Rogério De Souza. **Análise de política externa**. Editora Contexto, 2025.

VAN DIJK, Teun A. Politics, ideology and discourse. In: BROWN, Keith (ed.). *Encyclopedia of language and linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006. Disponível em:

<https://discourses.org/wp-content/uploads/2022/07/Teun-A.-van-Dijk-2006-Politics-ideology-discourse.pdf> Acesso em: 15 nov. 2025.

VAISSE, Justin. 'A Gaullist by any other name'. Survival: Global Politics and Strategy, v. 50, n. 3, p. 5–10, 2008.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos da metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

PALÁCIO DO ELISEU. Em: Dicionário Longman de inglês contemporâneo. Londres: Pearson English, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/elysee-palace>

Acesso em: 27 ago. 2025.

PODER PESADO. Em: Dicionário Cambridge. Londres: Cambridge University Press & Assessment, [s.d.]. Disponível em:

<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/hard-power>

Acesso em: 27 ago. 2025.

MACRON, Emmanuel. Closing speech by the President of the French Republic. GLOBSEC 2023 Bratislava Forum. Bratislava, 31 mai. 2023a. Discurso. Disponível em: <https://www.elysee.fr/front/pdf/elysee-module-21303-en.pdf>. Acesso em: 9 nov. 2024.

MACRON, Emmanuel. Conférence de Munich sur la Sécurité : le discours du Président Emmanuel Macron. YouTube (Élysée – Présidence de la République). Munique, 17 fev. 2023b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GpCOTXMT02E>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Conférence de presse conjointe avec Kyriakos Mitsotakis. Paris: Élysée, 28 set. 2021. Discurso. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2021/09/28/conference-de-presse-conjointe-du-president-emmanuel-macron-et-du-premier-ministre-de-la-republique-hellenique-kyriakos-mitsotakis>. Acesso em: 27 out. 2024.

MACRON, Emmanuel. Discours du Président de la République à la conférence des ambassadeurs. Conférence des ambassadeurs 2019. Paris, 27 ago. 2019b. Discurso. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2019/08/27/discours-du-president-de-la-republique-a-la-conference-des-ambassadeurs-1>. Acesso em: 25 out. 2024.

MACRON, Emmanuel. Discours du Président de la République à l'occasion de la Conférence des Ambassadrices et des Ambassadeurs. Conférence des ambassadrices et ambassadeurs 2025. Paris: Élysée – Présidence de la République, 6 jan. 2025a. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2025/01/06/conference-des-ambassadrices-et-ambassadeurs-2025>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Conférence des ambassadrices et des ambassadeurs : le discours du Président Emmanuel Macron. Paris: Élysée – Présidence de la République, 28 ago. 2023c. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2023/08/28/conference-des-ambassadrices-et-des-ambassadeurs-le-discours-du-president-emmanuel-macron>. Acesso em: 13 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Déclaration à la presse du Président Emmanuel Macron depuis le Sommet du G20 à Johannesburg. YouTube (Élysée – Présidence de la République). Joanesburgo, 22 nov. 2025b. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SAR_85966GI. Acesso em: 15 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Déclaration du Président Emmanuel Macron depuis le Brésil à l'issue du G20. YouTube (Élysée – Présidence de la République). Rio de Janeiro, 19 nov. 2024a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WDhEapLfnfw>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Discours à la conférence de Munich. Munique, 15 fev. 2020. Discurso. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2020/02/15/conference-sur-la-securite-de-munich-faire-revivre-leurope-comme-une-puissance-politique-strategique>. Acesso em: 27 out. 2024.

MACRON, Emmanuel. Discours devant le Conseil de l'Europe. Estrasburgo, 31 out. 2017. Discurso. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2017/10/31/discours-du-president-de-la-republique-emmanuel-macron-devant-le-conseil-de-leurope-a-strasbourg>. Acesso em: 08 jan. 2025.

MACRON, Emmanuel. Discours du Président de la République française à l'Assemblée générale des Nations unies (80e session). New York: Organisation des Nations Unies, 23 set. 2025c. Disponível em: https://gadebate.un.org/sites/default/files/gastatements/80/fr_fr.pdf. Acesso em: 15 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Discours du Président de la République française à l'Assemblée générale des Nations unies. New York, 25 set. 2024b. Disponível em: https://gadebate.un.org/sites/default/files/gastatements/79/fr_fr_0.pdf. Acesso em: 14 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Discours du Président Emmanuel Macron à l'occasion de la Conférence des ambassadrices et des ambassadeurs. Paris: Élysée – Présidence de la République, 1 set. 2022a. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/09/01/discours-du-president-emmanuel-macron-a-loccasion-de-la-conference-des-ambassadrices-et-des-ambassadeurs>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Emmanuel Macron in his own words. The Economist, Paris, v. 7, 07 nov. 2019a. Discurso. Disponível em: <https://www.economist.com/europe/2019/11/07/emmanuel-macron-in-his-own-words-english>. Acesso em: 22 nov. 2024.

MACRON, Emmanuel. Participation du Président Emmanuel Macron au Sommet de l'OTAN de Madrid. Élysée – Présidence de la République, 30 jun. 2022b. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/06/30/participation-du-president-emmanuel-macron-au-sommet-de-lotan-de-madrid>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Point presse du Président Emmanuel Macron depuis le Sommet du G7 à Kananaskis au Canada. YouTube (Élysée – Présidence de la République). Kananaskis, 16 jun 2025d. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c7muPGag52U>. Acesso em: 15 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. President of the Republic of France, addresses the general debate of the 77th Session of the General Assembly of the UN, Nova York, 20 set. 2022c. Discurso. Disponível em: <https://hongkong.consulfrance.org/77th-Session-of-the-United-nations-General-Assembly-Speech-by-the-President-of> Acesso em: 15 jan. 2025.

MACRON, Emmanuel. Speech at the UN General Assembly, Nova York, 25 set. 2018. Discurso. Disponível em: <https://www.diplomatie.gouv.fr/en/french-foreign-policy/united-nations/news/united-nations-general-assembly-sessions/unga-s-73rd-session/article/united-nations-general-assembly-speech-by-president-emmanuel-macron-25-09-18>. Acesso em: 23 out. 2024.

MACRON, Emmanuel. Point presse du Président Emmanuel Macron depuis le sommet de l'OTAN à La Haye. Sommet de l'OTAN à La Haye. Élysée – Présidence de la République. Haye, 25 jun. 2025e. Disponível em: <https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2025/06/25/sommet-de-lotan-a-la-haye>. Acesso em:

15 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Sommet de l'OTAN à Vilnius. Élysée – Présidence de la République. Vilnius, 12 jul. 2023d. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2023/07/12/sommet-de-lotan-a-vilnius>. Acesso em: 13 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Conférence de presse à l'issue du Sommet de l'OTAN à Washington. Sommet de l'OTAN à Washington D.C. Élysée – Présidence de la République. Washington, 11 jul. 2024c. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2024/07/11/sommet-de-lotan-a-washington-d-c>. Acesso em: 14 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Conférence de presse du Président Emmanuel Macron à l'issue du G20 de Bali. Sommet du G20 à Bali. Élysée – Présidence de la République. Nusa Dua, 16 nov. 2022d. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/11/16/sommet-du-g20-a-bali>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Conférence de presse du Président Emmanuel Macron G20 New Delhi. Sommet du G20 à New Delhi. Élysée – Présidence de la République, 10 set. 2023e. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2023/09/10/sommet-du-g20-a-new-delhi>. Acesso em: 13 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Déclaration du Président Emmanuel Macron à l'issue du Sommet du G7 en Italie. Sommet du G7 à Borgo Egnazia en Italie. Élysée – Présidence de la République, 16 jun 2024d. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2024/06/16/sommet-du-g7-a-borgo-egnazia-en-italie>. Acesso em: 14 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Conférence de presse du Président de la République à l'issue du G7 en Allemagne. Sommet du G7 à Elmau en Allemagne. Elmau, 28 jun. 2022e. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2022/06/28/sommet-du-g7-a-elmau-en-allemande>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MACRON, Emmanuel. Sommet du G7 à Hiroshima le point presse du Président Emmanuel Macron. Sommet du G7 à Hiroshima. Élysée – Présidence de la République. Hiroshima, 21 mai 2023f. Disponível em:

<https://www.elysee.fr/emmanuel-macron/2023/05/21/sommet-du-g7-a-hiroshima-au-japon-retour-sur-les-principales-avancees>. Acesso em: 12 fev. 2026.

MARTILL, Benjamin; SUS, Monika. Winds of change? Neoclassical realism, foreign policy change, and European responses to the Russia-Ukraine War. *The British Journal of Politics and International Relations*, 2024. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/13691481241280170>. Acesso em: 23 out. 2024.

MAULNY, Jean-Pierre. L'initiative européenne d'intervention (IEI). *L'Europe en Formation*, n. 389, p. 51-66, 2019.

MOLINA, Tomás Felipe. El sistema westfaliano: un análisis desde la teología política de Nicolás Gómez Dávila. *Papel político*, v. 21, n. 2, p. 411-434, 2016.

MORGENTHAU, Hans. *A Política entre as Nações*. Brasília: Editora UNB, 2003. p. 370-390.

NEMČIAUSKYTĖ, Augustė. European Union politics towards Ukraine and the role of France. 2023. Tese (Doutorado) — Vytautas Magnus University, 2023.

OTAN. Defesa coletiva e artigo 5.º Bruxelas, 2023. Disponível em: https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_110496.htm. Acesso em: 27 ago. 2025.

PANNIER, Alice. From one exceptionalism to another: France's strategic relations with the United States and the United Kingdom in the post-Cold War era. *Journal of Strategic Studies*, v. 40, n. 4, p. 475–504, 2017.

PROETTI, Sidney. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: um estudo comparativo e objetivo. *Revista Lumen*, v. 2, n. 4, 2017.

PRUCHNIKA, Paulina. Selected Aspects of France's Foreign Policy towards the United States during Emmanuel Macron's Presidency from 2017 to 2022. *Political Preferences*, v. 30, n. 1, p. 49–59, 2022.

PUGLIERIN, Jana; SHAPIRO, Jeremy. The art of vassalisation: how Russia's war on Ukraine has transformed transatlantic relations. *European Council on Foreign Relations*, 2023. Disponível em: <https://ecfr.eu/publication/the-art-of-vassalisation-how-russias-war-on-ukraine-has-transformed-transatlantic-relations>. Acesso em: 12 jan. 2025.

QUAI D'ORSAY. Em: Dictionary. Oakland: Lexico Publishing Group, [s.d.]. Disponível em: <https://www.dictionary.com/browse/quai-dorsay>. Acesso em: 27 ago. 2025.

REES, Wyn; XU, Ruique. US–UK–France relations amid the Russia–Ukraine war: a new strategic alignment? *International Affairs*, v. 100, n. 3, p. 1249-1261, 2024.

RIEKER, Pernille. *French Foreign Policy in a Changing World*. London: Springer, 2017.

RIEKER, Pernille. French Status Seeking in a Changing World: Taking on the Role as the Guardian of the Liberal Order. *French Politics*, v. 16, n. 4, p. 419–438, 2018.

ROSE, Michel. Macron tells Eastern Europe: we should have listened to you over Russia. Reuters, 31 maio 2023. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/frances-macron-offers-mea-culpa-eastern-eu-nations-russia-2023-05-31/>. Acesso em: 22 out. 2024

ROUILLARD, Nicolas. Analyzing President Macron 's Speeches: Shaping a European Narrative of "Europe de la Défense" amidst the war in Ukraine. 2024.

SZEWCZYK, Bart. Macron's Vision for European Autonomy Crashed and Burned in Ukraine. *Foreign Policy*, v. 8, 2022. Disponível em:

<https://foreignpolicy.com/2022/04/08/macron-putin-france-russia-ukraine-europe-sovereignty-strategy>. Acesso em: 29 out. 2024.

SCHMIDT, Vivien. Trapped by their Ideas; French elites' Discourse of European Integration and Globalization. Em *France and the European Union: After the Referendum on the European Constitution*. Routledge, 2020.

SILVA, Danielle Costa da. A análise de conteúdo como método analítico no campo da política externa. In: *Congresso Latino-Americano de Ciência Política*, 2017.

SILVA, Danielle Costa da; RIBEIRO, Renata Albuquerque; CARVALHO, Tássia Camila de Oliveira. A análise de conteúdo de pronunciamentos oficiais como metodologia interpretativa da política externa brasileira. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, v. 6, n. 2, 2015.

Disponível em:

<https://www.labmundo.org/wp-content/uploads/2021/07/Discursos-2015-Danielle-Costa-da-Silva-Renata-Albuquerque-Ribeiro-e-Tassia-Camila-de-Oliveira-Carvalho.pdf> Acesso em: 15 nov, 2025.

SILVA, Danielle Costa da; HERNÁNDEZ, Lorena Granja. Aplicação metodológica da análise de conteúdo em pesquisas de análise de política externa. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/QFmq77JnT468fcBKCDh99ms/?format=html&lang=pt>

Acesso em: 15 nov.. 2025.

STAUNTON, Eglantine. 'France is back': Macron's European policy to rescue 'European civilisation' and the liberal international order. *Third World Quarterly*, v. 43, n. 1, p. 18-34, 2022.

TIERSKY, Ronald. Macron's World: How the President Is Remaking France. *Foreign Affairs*, v. 97, n. 1, p. 87-96, 2018.

TOLSTOV, Serhii V. French foreign policy initiatives during the presidency of Emmanuel Macron. *Ukraine is Diplomatic. Scientific yearbook*, n. XXIV, p. 684-695, 2023.

KAPP, Caroline; FIX, Liana. German, French, and Polish Perspectives on the War in Ukraine. Em: *Polarization, Shifting Borders and Liquid Governance: Studies on Transformation and Development in the OSCE Region*. Cham: Springer Nature Switzerland, 2023. p. 321-333.

KREMLIN. Em: *Dicionário Longman de inglês contemporâneo*. Londres: Pearson English, [s.d.]. Disponível em: <https://www.ldoceonline.com/dictionary/kremlin> Acesso em: 27 ago. 2025.

WEBER, Gesine. Zeitenwende à la française: Continuity and change in French foreign policy after Russia's invasion of Ukraine. *The British Journal of Politics and International Relations*, 2024.

WELC, Henry. Macron in praise of folly? How Macron's France seeks to gain from power vacuum during the war in Ukraine. *Bezpieczeństwo. Teoria i Praktyka*, v. 52, n. 3, p. 117-129, 2023.

ZARETSKY, Robert. Macron Is Going Full De Gaulle. Foreign Policy, Houston, 2019.
Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2019/02/11/macron-is-going-full-de-gaulle/>. Acesso em: 27 out. 2024.

APÊNDICE A—Discursos presidenciais analisados

Quadro 1 - Corpus dos discursos presidenciais — 2017-2025

Nº	Data	Discurso	Evento
1	(31/10/2017)	Discours du Président de la République, Emmanuel Macron devant le conseil de l'Europe à Strasbourg	Reunião do Conselho Europeu de Outubro de 2017
2	(25/09/2018)	Speech at the UN General Assembly	Assembleia Geral das Nações Unidas de 2018
3	(27/08/2019)	Discours du Président de la République à la conférence des ambassadeurs	Conferência dos Embaixadores e das Embaixatrizes de 2019
4	(07/11/2019)	Emmanuel Macron in his own words	Entrevista com a The Economist em Novembro de 2019
5	(15/02/2020)	Discours à la conférence de Munich	Conferência de Segurança de Munique de 2020
6	(28/08/2021)	Conférence de presse conjointe avec Kyriakos Mitsotakis	Encontro Bilateral com a Grécia em 2021
7	(28/06/2022)	Conférence de presse du Président de la République à l'issue du G7 en Allemagne	Cúpula dos Líderes do G7 de 2022 em Elmau
8	(30/06/2022)	Participation du Président Emmanuel Macron au Sommet de l'OTAN de Madrid	Cúpula da OTAN em Madri de 2022
9	(01/09/2022)	Discours du Président Emmanuel Macron à l'occasion de la Conférence des ambassadrices et des ambassadeurs	Conferências dos Embaixadores e das Embaixatrizes de 2022
10	(20/09/2022)	President of the Republic of France, addresses the general debate of the 77th Session of the General Assembly of the UN	Assembleia Geral das Nações Unidas de 2022
11	(16/11/2022)	Conférence de presse du Président Emmanuel Macron à l'issue du G20 de Bali	Cúpula de Líderes do G20 de 2022 em Bali
12	(17/02/2023)	Conférence de Munich sur la Sécurité : le discours du Président Emmanuel Macron.	Conferência de Segurança de Munique de 2023
13	(21/05/2023)	Sommet du G7 à Hiroshima le point presse du Président Emmanuel Macron.	Cúpula dos Líderes do G7 de 2023 em Hiroshima

Quadro 1 - Corpus dos discursos presidenciais — 2017-2025

(continuação)

Nº	Data	Discurso	Evento
14	(31/05/2023)	Closing speech by the President of the French Republic.	GLOBSEC de 2023
15	(12/07/2023)	Sommet de l'OTAN à Vilnius	Cúpula da OTAN em Vilnius de 2023
16	(28/08/2023)	Conférence des ambassadrices et des ambassadeurs: le discours du Président Emmanuel Macron	Conferência dos Embaixadores e das Embaixatrizes de 2023
17	(10/09/2023)	Conférence de presse du Président Emmanuel Macron G20 New Delhi.	Cúpula de Líderes do G20 de 2023 em Nova Delhi
18	(16/06/2024)	Déclaration du Président Emmanuel Macron à l'issue du Sommet du G7 en Italie	Cúpula dos Líderes do G7 de 2024 em Borgo Egnazia
19	(11/07/2024)	Conférence de presse à l'issue du Sommet de l'OTAN à Washington	Cúpula da OTAN em Washington de 2024
20	(25/09/2024)	Discours du Président de la République française à l'Assemblée générale des Nations unies	Assembleia Geral das Nações Unidas de 2024
21	(19/11/2024)	Déclaration du Président Emmanuel Macron depuis le Brésil à l'issue du G20.	Cúpula de Líderes do G20 de 2024 no Rio de Janeiro
22	(06/01/2025)	Discours du Président de la République à l'occasion de la Conférence des Ambassadrices et des Ambassadeurs	Conferência dos Embaixadores e Embaixatrizes de 2025
23	(16/06/2025)	Point presse du Président Emmanuel Macron depuis le Sommet du G7 à Kananaskis au Canada	Cúpula dos Líderes do G20 de 2025 em Kananaskis
24	(25/06/2025)	Point presse du du Président Emmanuel Macron depuis le sommet de l'OTAN à La Haye	Cúpula da OTAN em Haia de 2025
25	(23/09/2025)	Discours du Président de la République française à l'Assemblée générale des Nations unies (80e session)	Assembleia Geral das Nações Unidas de 2025
26	(22/11/2025)	Déclaration à la presse du Président Emmanuel Macron depuis le Sommet du G20 à Johannesburg	Cúpula de Líderes do G20 de 2025 em Joanesburgo

Fonte: Elaboração própria, 2026.